Cinearte

"Tampico" argumento de Joseph Hergsheimer, terá Charlec Bickford no principal papel e será um film da Metro Goldwyn.

✣ ✣ ✣

Shayle Gardner, actor inglez que figurou em "Tres Paixões" film de Rex Ingran, regressou aos Estados Unidos para tomar parte em films falados. E' caso de se dar pesames ao Studio que o contractar...

✣ ✣ ✣

Rudy Vallee está para assignar um contracto com a M. G. M. para apparecer em films musicaes.

✣ ✣ ✣

"Cimarron", o novo livro de Edna Ferber, de grande successo, será um dos proximos films de Richard Dix, para a Radio ?

✣ ✣ ✣

"Way for a Sailor", da M. G. M., terá John Gilbert no principal papel e San Wood ao megaphone. E' o primeiro film que Jack faz em alguns mezes... Naturalmente esteve tomando aulas de voz...

Leon Errol, lembram-se delle? Ao lado de Colleen Moore em alguns films? Pois acaba de ser contractado por longo praso pela Paramount.

✣ ✣ ✣

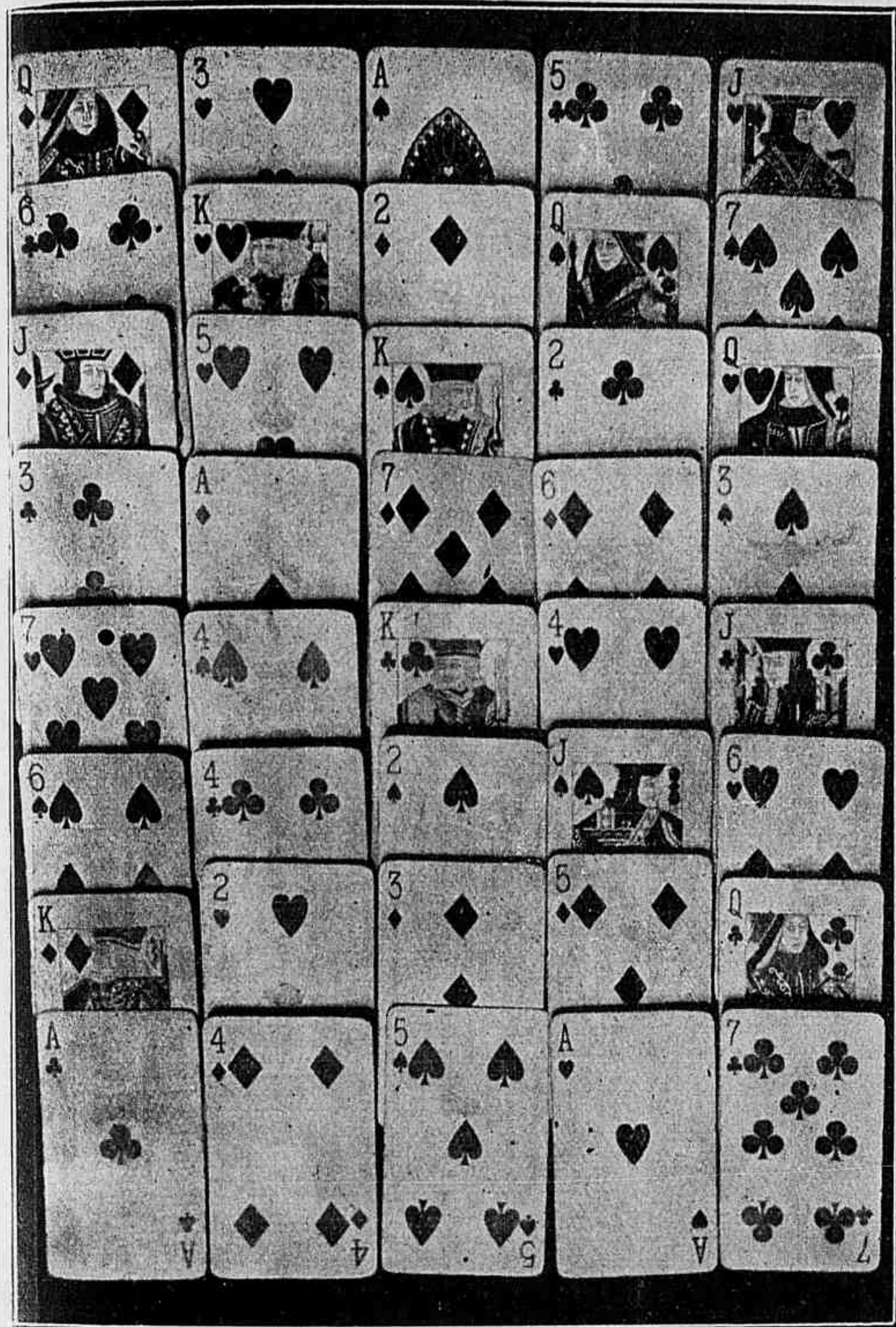
"The Blue Angel", o primeiro film falado da Ufatone com Emil Jannings, foi, na Allemanha, um successo formidavel. A versão ingleza será em breve lançada nos Estados Unidos. Emil tem um admiravel papel e diz-se que a direcção de Sterberg é simplesmente admiravel.

✣ ✣ ✣

Nevex the Twain shall Meet", que, ha annos, foi feito com Anita Stewart e sob a direcção de Maurice Tourneur pela propria M. G. M., será, agora, todo refilmado em versão falada. Rachel Torres ganhou o papel principal e a direcção coube a Lionel Barrymore.

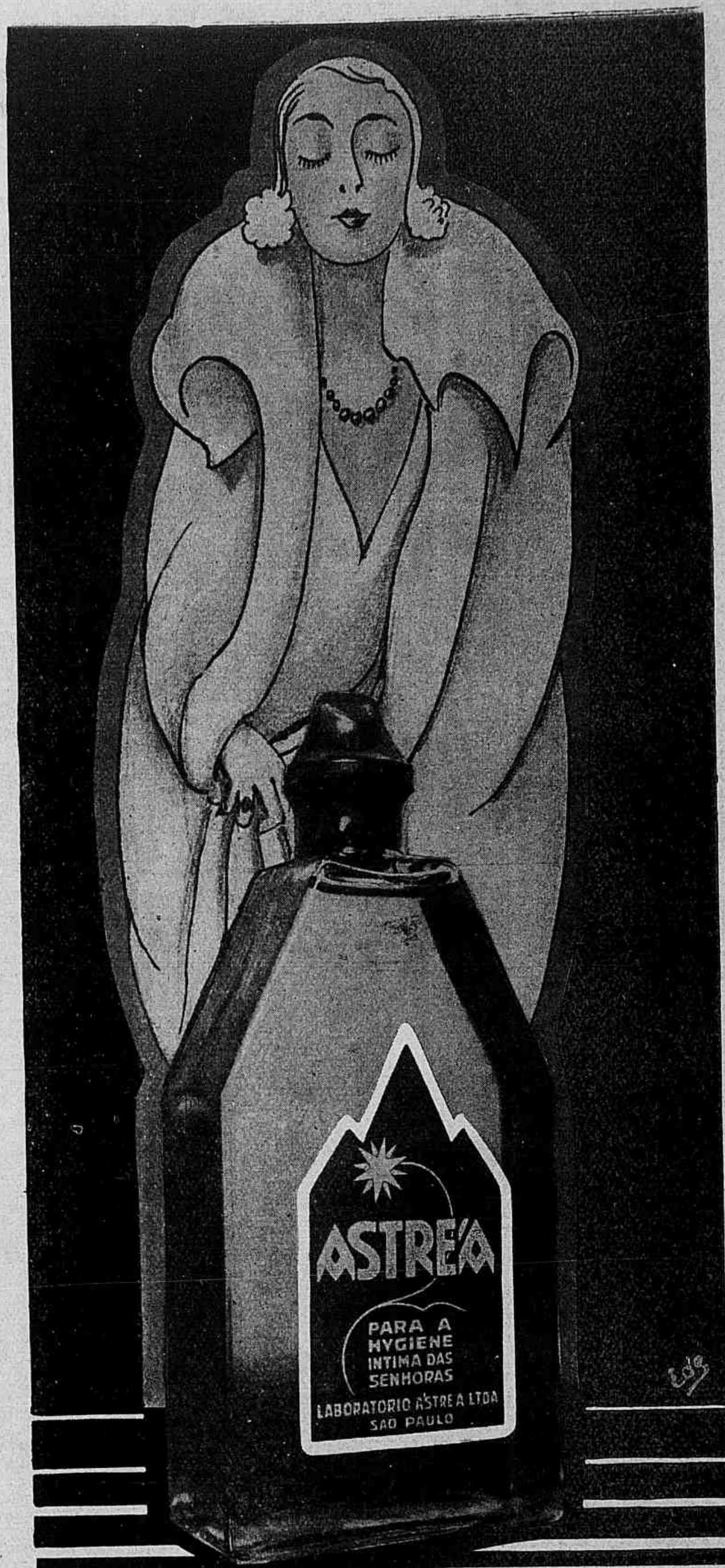
DENTES COMO PEROLAS

Para provar a toda a gente a assombrosa efficiencia da PEPSODENT, esta pasta dentrificia maravilhosa é agora offerecida a preços reduzidos por um limitado espaço de tempo. Compre um tubo hoje mesmo.

O baralho magico

Para-todos... a revista elegante que todos conhecem está publicando uma original secção na qual, por meio das cartas, os leitores poderão descobrir seu futuro, prevendo o mal e o bem que lhes succederá. Nada custa a consulta e é tão simples fazel-a... Experimente o leitor e verá.

Victor Schertzinger dirigirá, como um dos seus ultimos trabalhos para a Paramount, "The Cave Man" com, George Bancroft. A heroina deste film será Doris Kenyon que ha annos estave afastada do Cinema e que é a esposa de Milton Sills.

✣ ✣ ✣

Uma crise de nervos levou Renée Adorée ao hospital mais proximo no qual se acha em tratamento.

PROGRAMMA SERRADOR Nº. 10

MAX SCHMELLING

— O FAMOSO CAMPEÃO MUNDIAL DE BOX —

JOSE' SANTA

— o não menos famoso campeão de Portugal —

Olga Tschechowa

— a linda russa, heroina de "MOULIN ROUGE" — em um lindo romance de amor, que nos dá occasião de ver uma lucta de box entre o campeão do mundo e o gigante portuguez

AMOR E BOX

UM FILM DA "TERRA-FILM"— PARA O PROGRAMMA SERRADOR

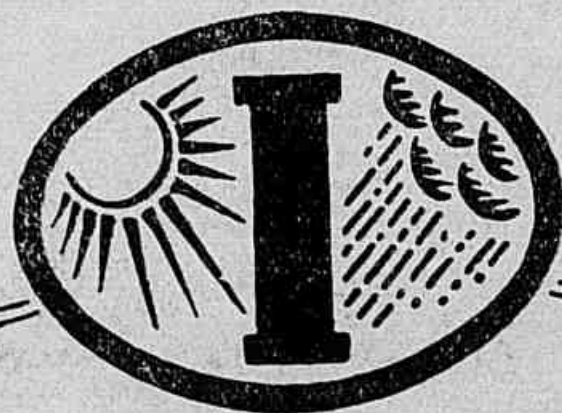
No mesmo programma:

SCHMELLING —X— SHARKEY

Um film sonoro, synchronizado, do que foi o grande match que fez SCHMELLING o campeão mundial — Detalhes dos 4 rounds, com todos os ruidos — A apresentação dos boxeurs — O golpe baixo applicado por Sharkey.

EM EXHIBIÇÃO NO CINEMA
Companhia Brasil
Cinematographica

GLORIA

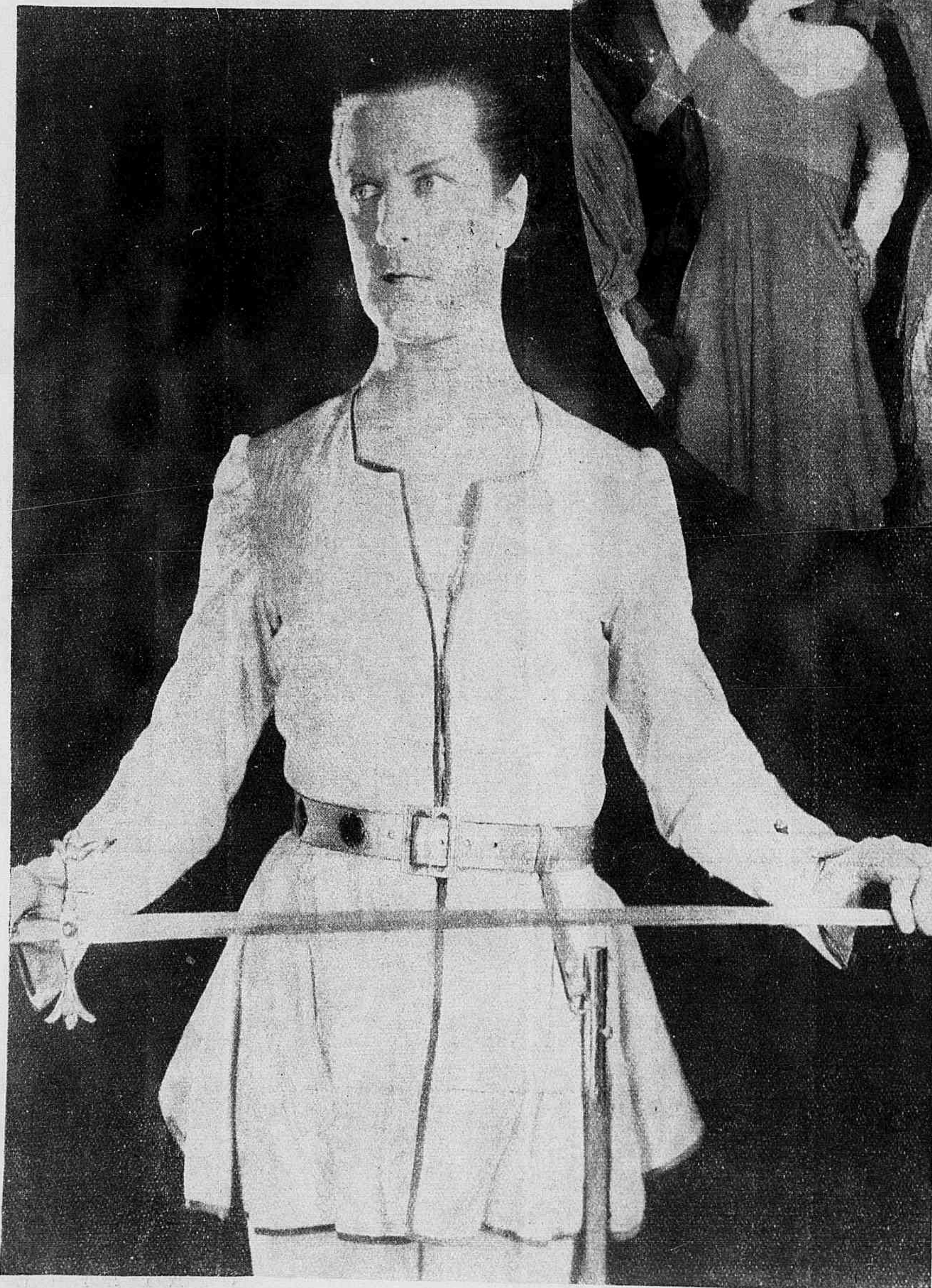
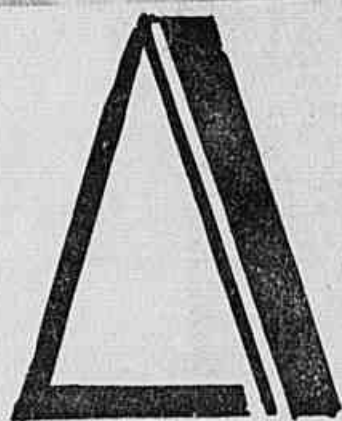
"A INDISCREÇÃO E A VERDADE."
— Você anda sempre tão bem vestida! Isso deve custar-lhe uma fortuna!
— Pois é um engano, minha amiga; custa-me relativamente pouco; o meu segredo é que só compro fazendas tintas com "Indanthren".
— E que tem isso?
— Pois não sabes que os tecidos tintos com esses corantes nunca desbotam e por isso estão sempre novos?
INDANTHREN
é o corante inalteravel á chuva, ao sol e ás repetidas lavagens.
KOHOUT.
I
Indanthren

DIA 11 DE AGOSTO NO **CAPITOLIO**

DO RIO DE JANEIRO E NO

CINE PARAMOUNT

DE SÃO PAULO

O Rei Vagabundo

Super-Opereta romantica da Paramount com
DENNIS KING o famoso tenor americano,
JEANETTE MACDONALD a victoriosa creadora
de "Alvorada de Amor" e LILLIAN ROTH
Uma super-producção em cores naturaes, toda cantada e falada, com titulos em Portuguez

UMA SCENA DO FILM "ABRAHAM LINCOLN", DE GRIFFITH.

A PROPOSITO das considerações aqui feitas, sobre os unicos favores que desejam obter do governo aquelles que patrioticamente estão se abalançando a empregar capitaes, já não de pequeno vulto na Cinematographia Brasileira, a saber, a extincção dos impostos quasi prohibitivos hoje sobre o film virgem, constante da pauta das Alfandegas, por isso que se trata de genero que não se fabrica no paiz, affirma-nos pessoa interessada que uma representação a respeito está sendo preparada para ser presente ás commissões de finanças da Camara e Senado, fazendo valer a justiça dessa pretenção, que não traduzirá grande prejuizo para as rendas publicas e importará em diminuição sensivel das despesas para a incipiente industria do film entre nós.

O proprio governo importa films de quando em quando, livre de direitos, destinado a essas fitas de cavalheiros expertos, se encarregam de confeccionar e para nada mais servem do que para demonstrar como é grande a ingenuidade administrativa, canalizando, para os bolsos desses "aguias", o dinheiro do erario publico, a troco de verdadeiros horrores, destinados a permanecer inviolados nas suas caixas de lata, porque, como genero de propaganda, são sempre e sempre contraproducentes.

Em chronica recente, publicada pelo "O Jornal" de 13 do corrente, a proposito da viagem do Sr. Ministro da Viação a Matto Grosso, lemos o seguinte trecho precioso:

"Já em terras de Matto Grosso, chega-se a ligação. Graças a manhã neblinenta, estamos livres da machina do operador Botelho *que mostra maior carinho pela comitiva que pela paizagem*, mobilizando, com ternuras unctuosas de madre abbadessa os ajudantes que o acompanham".

O escriba fez involuntariamente a critica justa dos films officiaes.

E quem quizer se certificar da justeza della, é ir ver o film que ahi anda sendo exhibido, grupos, grupos e mais grupos; o Sr. ministro acordado, o Sr. ministro jantando, o Sr. ministro dormindo, o Sr. ministro fumando, o Sr. ministro triste, o Sr. ministro alegre, o Sr. ministro cansado, o Sr. ministro prompto para outra, a recepção do Sr. ministro no logar X, o almoço ao Sr. ministro no arraial Z, e assim por diante. E a isso se chama "a revelação do Brasil desconhecido" como se esse não fosse o Brasil de todos conhecido desde tempos immemoriaes, o puro engrossamento em celluloide.

Ora se o governo é o primeiro a reconhecer a necessidade de importarmos o material necessario á Cinematographia, porque, graças a Deus, ninguem se lembrou ainda de fundar uma fabrica no Brasil, porque se tal se désse, então os direitos já estariam decuplicados, muito embora a producção não passasse de 300 metros por anno, não vemos motivo por que manter os direitos actuaes.

Toda gente se lembra do que se deu e ainda se deve dar, apesar de todas as precauções do fisco, com o papel para os jornaes e revistas. Gravado fortemente o que não se destinava á imprensa, creou-se por ahi uma industria que enriqueceu varios expertalhões que, importando papel para jornaes, passaram a ser os fornecedores de quanta papelaria espalhada pelo Brasil existia, fornecendo ainda papel de embrulho a todos os padeiros, vendeiros e açougueiros da cidade. Com a marca dagua pensa o governo haver resolvido o problema; entretanto, ha tiragens inteiras de livros feitas com o papel importado, livres de direitos, porque a tal marca dagua não é mais que uma simples risca de parafina que tão facilmente se põe como se tira.

Por isso mesmo sempre nos batemos pela extincção pura e simples dos direitos que pesam sobre o papel, equiparado o particular ás empresas jornalisticas, para que a industria do livro, em um paiz de analphabetos como é o nosso, possa ter o incremento necessario.

Assim o film virgem.

Por que taxar de fórma tão desconforme, um producto, cuja entrada franca em nosso paiz só poderia trazer vantagens?

Não desejamos que sejam sobrecarregados os films impressos que já pagam contribuição não pequena.

Seria uma medida injusta que no final das contas viria a sobrecarregar o publico que é quem paga sempre esses exaggeros tributarios.

A justiça da pretenção dos que se votaram á nacionalização da industria cinematographica entre nós e cujo desenvolvimento póde ser de tamanha utilidade para o Brasil, é tão manifesta que, estamos certos, será recebida a representação com sympathia pelo Congresso que não póde fechar os olhos ás manifestas vantagens que resultarão de uma medida que não só não implica em gravanne para o Thesouro, mas permittirá o progresso do apparelho de propaganda que tanta falta está a fazer a nossa terra.

E não alludimos sequer ao melhor apparelhamento que a Cinematographia poderá trazer á nossa organização educativa, com a confecção dos films instructivos que poderão, mais do que outros quasquer meios, contribuir para a extirpação da nossa maior vergonha que é a grande massa de analphabetos, attestados vivos de nossa incuria, peso morto na balança dos nossos valores.

Durante a filmagem de "Eutemia" do Internacional Film de S. Paulo.

Cinema

O final de Julho verá o *Cinédia Studio* concluido. Já installadas as thezouras de ferro que formam o texto do palco. Já promptos os camarins. O escriptorio e o departamento technico. Faltam, apenas, para seu arremate. Ajardinamentos. Aplinamentos. E demais toques sem significancia directa na utilização definitiva do mesmo para filmagens e demais trabalhos. Já sabem, todos, as dimensões do Studio. A area de terreno que o cerca. E, ainda, a quantidade de films que

Gina Cavalliere e Lelita Rosa durante a filmagem de "Labios sem Beijos" da Cinédia.

pretende lançar, annualmente. Com o tempo outros departamentos serão construidos. Um Studio, na verdade, nunca fica prompto.

Falta dizer, apenas, que, para o Cinema Brasileiro em geral, representa elle um grande passo. Não por ser o maior do mundo. Nem o melhor. Apenas porque representa um passo solido. Natural. Necessario. A' industria Brasileira de films. Que, agora, lança-se com ardor á producção. Este Studio, nada mais é do que a consequencia de annos e annos de lucta. De annos e annos luctados, sinceramente, para a implatação do Cinema, no Brasil. E, assim, para o Cinema Brasileiro, todo, elle representa um passo avançado. Será, mesmo, uma das mais fortes e solidas pedras dos seus alicerces que ha annos se vêm installando.

Elle não é só feito para a *Cinédia* Dentro do Rio de Janeiro. Centro de vastissimo campo para a Cinematographia. Pelo que de ambientes e de belleza naturaes possue. Poderá ser occupado por companhias de outros Estados. Companhias locaes, mesmo. Que o queiram usar. Para, com todo o conforto, nelle realisarem seus films que tenham scenas que se passem no Rio. Ou, mesmo, scenas que apanhem praias e aspectos. Como são os que aqui existem.

Os que o têm visto, todos, têm usado palavras profundamente sinceras e animadoras. E, afinal, elle nada mais é do que o resultado de annos e annos de lucta intensa. Antigamente, se se fallasse num Studio assim, para qualquer leigo. Havia-se de colher, em paga, a pecha de doido. Hoje, prompto, quazi, para funccionar. Dá uma animação aos que estão empenhados na lucta. E uma confiança céga na victoria.

Não foi feito para ser melhor do que o da Paramount ou o da Warner. E nem, tampouco, para produzir films que deixem os americanos tontos. Absolutamente! Foi feito para fazer Cinema Brasileiro. Um Cinema que é differente. Porque é modesto. E' simples. E não tem a pretensão de agradar o mundo. Tem apenas intenção de agradar ao Brasileiro. Dentro da modestia destes palnos. E da sinceridade dos seus trabalhos. Não é possivel conseber-se um fracasso. Porque, a par deste problema, tratam-se todos os outros. Com o mesmo carinho. A mesma paixão. Resta, apenas, dar tempo ao tempo.

Para a techinica dos films, porem, não se poderá fugir de dizer que o Studio representa muitissimo. Os films, terão mais ordem. Porque, aparte ser local aonde se montarão scenas para filmagens de internos. E', tambem, centro da Companhia. De onde partem os os *units* para filmagem. E para o qual voltam, horas depois. Deixando cada apparelho no seu departamento. E cada cousa no seu lugar. Aprimora a technica. Pela ordem e pela symetria dos trabalhos.

E, para a parte de publicidade, tambem será excellente. Porque terá o seu Studio photographico. No qual o artista poderá gastar um dia todo apenas tirando *stills*. Tirados com cuidado. Com carinho. E, assim, aperfeiçoando até esse lado do Cinema. Tão importante e, ás vezes, tão mal comprehendido.

Elle não é um passo que a *Cinédia* dá E' um passo que dá o Cinema Brasileiro em geral. E que, delle, muitos proveitos poderão advir.

—oOo—

Regressando do Norte, procurou-nos Julio Danilo, o artista que *Labios sem Beijos* perdeu. Por motivos da sua viagem de negocios. Que, aliás, felicissima, redundou em excellente contracto. Que, se offerece a desvan-

Brasileiro

tagem de o levar para longe de nós. Tambem trouxe o beneficio de o encaminhar definitivamente na vida.

Julio Danilo, entre bôas piadas e felicissimos commentarios. Com muito do seu genio camarada e amigo. Franco e sincero. Contou-nos impressões suas, quanto á viagem que acabára de realizar. Entre os factos que mais o deixaram satisfeito, deve-se considerar, antes de outro qualquer, o de ter notado elle, em seio de excellentes familias nortistas. Uma grande propensão. Grande, mesmo, para deixarem suas filhas. Moças distinctas e lindas. Fazerem parte do Cinema Brasileiro. E, ainda, que nunca viu e nunca pensou que existisse, para lá. Em locaes, mesmo, de poucos Cinemas e de pouca divulgação jornalistica. Tanto enthusiasmo e tanto ardor pelo Cinema Brasileiro. Isso, diz elle, o enthusiasmou immenso. A ponto de, quando chegar ao seu destino, seu torrão natal, São Luiz do Maranhão. Ter-se mostrado irrequiéto para regressar e nos contar todo o seu enthusiasmo e ardor.

Disse-nos elle, mesmo, que no Norte todo, são poucos os que não fazem fé na Nossa Victoria. E que maior conforto, sem duvida, é justamente esta confiança de todas as bôas familias, mesmo. Não temendo, em absoluto. Confiarem até suas filhas e seus filhos. Rapazes e moças de sociedade. Para as filmagens Brasileiras.

Em Recife, quando de sua passagem, ficou captivado pelas gentilezas dos seus collegas de lá. Que culminaram em attenções para com elle. Cedendo-lhe automovel, para passeios. Acompanhando-o, em outros. E, ainda, perguntando-lhe, com interesse intenso, por todo movimento de Cinema do Rio, de

Cleo de Verberena estrella e directora do film "O Mysterio do dominó preto" da Epica Film de S. Paulo.

São Paulo e de outros pontos do Paiz. Diz elle, mesmo, que, em Edson Chagas, Luiz Maranhão e alguns outros, deixou bons amigos. Nos quaes tem muita fé. Pelo ardor com o qual os viu defendendo o Cinema Brasileiro, atravéz os films que estão confeccionando.

Outro aspecto que notou e que faz com que o Cinema Brasileiro seja uma necessidade, foi a quantidade de Cinemas fechados. Fruto unico e exclusivo da quêda da producção americana. Motivada pela vinda da fala e do som. Diz elle, sinceramente, embora não seja technico nesse assumpto. Que são casas que aspiram pelo Cinema Brasileiro. Porque, afinal, será um Cinema que terá publico. E feito para esse mesmo publico. E que não sendo isso uma revolta contra o Cinema americano. Aliás muito apreciado. E', apenas, o reflexo desse decrescimo de films silenciosos e da fallencia completa que foi o film mudo.

Embora daqui ha dias regresse á S. Luiz do Maranhão, para iniciar, finalmente, suas novas funcções. Não pretende deixar o Cinema E poz-se, mesmo, a completa disposição. Para o caso de ser necessario para um film Brasileiro. Dedicação essa que, sem duvida, desvanece e é de se admirar. Porque é preciosa e rara.

(Termina no fim do numero).

NITA PALMER E' UMA DAS PRINCIPAES EM "NO SCENARIO DA VIDA".

O BRASIL — Visto de Hollywood . . .

Nunca vimos observação tão bem feita. E' esta a idéa exacta que em todos os Estados Unidos fazem de nós. Lá e no mundo todo. Com rarissimas excepções. E' um desenho feliz de Francisco Silva Jr. Que elle enviou para "Cinearte". Este seu desenho serve para mostrar melhor uma das razões porque devemos ter o nosso Cinemazinho tambem. Os nossos films já vão sendo mostrados no estrangeiro. E temos esperanças de que um dia o film brasileiro vá até a Hollywood...

OS MORADORES DA CASA DE CRYSTAL

Ruth Roland e Ben Bard, o casal mais sympathico e querido de Hollywood.

Ainda não ha muito tempo, os artistas eram hombreados aos gatunos e assassinos. Principalmente com os vagabundos...

Até se fizeram suggestões para que elles habitassem um local separado, afastado, na cidade.

Como se fossem donos de molestias as mais infecciosas e ruins...

Eram encarados. Vistos e tidos, como uma corja de alienados...

Se um crime se commetesse, numa Cidade e essa tivesse, dentro della, divertindo-a, um grupo de artistas. Nem poderia haver duvida. Um delles havia de ser o culpado...

Eram recebidos, pelos reis, para divertil-os, como se fossem animaes interessantes. E, embora divertindo, sempre, eram sempre amesquinhados, despresados...

Ainda ha bem pouco tempo, se um filho ou uma filha se sentisse com propensões artisticas, eram logo violentamente combatidos com phrases assim. "Essa não é uma profissão de "gente!!!"... E, além disso, a familia quasi que se sentia enlutada pela vocação tão "canalha" de um dos filhos...

Justamente, ainda ha bem pouco, Frederic March contou-me sobre collegas seus de collegio que o vieram visitar em Hollywood. Reuniram-se. Frederic juntou-se á elles. Trazia quatorze horas de trabalho esfalfante sobre os nervos. Estava derrotado e esmagado pelo peso do trabalho terrivelmente serio daquelle dia. Seus amigos mostravam-se joviaes. Jocosos, mesmo... Alguns bateram-lhe ás costas e disseram-lhe, sorrindo: — "Vamos, Fred, quando é que se trabalha? Sempre na bôa vida, hein?! E, depois, ainda nos escreves contando que aqui trabalhasse que não é brincadeira...

Já não são mais classificados, hoje, os artistas, com ladrões e assassinos. Mas ainda são hombreados aos vagabundos...

Ainda vivem em grupos separados. Formam um povo a parte. Vivem em familias distinctas, separadas dos "outros"...

Mary Pickford, outro dia, commentando isso, disse:

— Tenho que morar em Hollywood, porque "tenho" que morar! Se quizer comprar uma casa no alto de um morro, mais saudavel, mais agreste. Ha de ser dentro da area de Hollywood. Porque eu "tenho" que morar em Hollywood... Ainda são, hoje, chamados para divertir os reis... E, se não entretêm, devidamente, são tocados e afastados do meio...

Se arrebenta um escandalo. Escandalo que arrebenta no seio de uma familia de Hollywood. Familia de artistas. Esquece-se o mundo de todos os escandalos que se dão até dentro dos palacios os mais nobres... E gritam, implacaveis... *O que é, afinal, que se póde esperar de... actores...!...*

Nunca dizem o que se póde esperar de... um medico! De... um advogado! De... um engenheiro! Que são, quando canalhas, tão canalhas, quanto os artistas que tambem o sejam. Porque, afinal, bons e ruins, todas as classes têm...

O artista é sempre encarado como alguem differente. Devem levar uma vida regradissima. Nunca sahir della um milimetro. Porque, sobre elles, pesam os olhos do mundo todo...

A vida do artista não é a vida commum de todos os outros.

Os seus problemas, não são os problemas dos dos outros...

As suas condições de vida, não são as dos outros...

Dias e noites, passam elles diante de objectivas. Filmando. Enchendo films que serão o divertimento diario dos "outros"... Estão sempre numa casa de crystal, com actos e gestos expostos. Sempre mostrados, sempre, á maldade e á malicia dos "outros"...

Morgan Farley, um artista, diz que os artistas são artistas, porque têm uma complexidade inferior aos outros. Complexidades essa que só lhes permitte ser o que são os outros e nunca o que elles proprios são...

Ruth Roland acha que os artistas são artistas, porque mantem-se, fóra da téla, sempre artistas; para não deixar ver, á ninguem, o que realmente sentem e o que realmente pensam...

Seja qual for a verdade, nisso, uma só fica á tona. E' que elles "são" uma raça a parte...

São, na verdade, os unicos "estrangeiros" no mundo...

Sarah Bernhardt e Duse, artistas celebres, do palco, não eram, por acaso, victimas de uma curiosidade geral, em todo mundo, que as punha como "curiosidades" e não como pessoas? E, afinal, os animaes de um jardim zoologico, não são "curiosidades", tambem?...

As suas vidas, não são como as vidas dos "outros". Em particular algum. A velha e sagrada instituição do matrimonio, para elles, não é a mesma...

O casal Barrymore e Dolores e a sua filhinha. Quasi foi Blythe. Mas o seu nome tambem ficou sendo Dolores.

Blanche Sweet diz que os casamentos de artistas não podem ser felizes, não podem ter raizes, porque não têm os mesmos habitos dos demais casamentos. Sem tempo. Sem vida commum. Sempre em trabalhos. Como poderão viver casados dois artistas?

Florence Eldridge disse que ha bem pouco tempo, apenas, que os artistas já têm certa calma e certo socego de vida. Cantores ambulantes. Artistas viajados. Não tinham, nunca, logares estaveis para repousarem as cabeças cançadas. E nem logares para construirem os seus lares. Abrigos para seus filhos e para sua prole...

Filhos, são blasphemias nas possibilidades de uma artista. Sempre tem que preferir a "camera" ao berço... Pelo trabalho dispensam até a maternidade...

Os artistas pertencem ao mundo. Mas para viver, é preciso que affrontem todo o desprezo e toda a crueldade de cynica desse mesmo mundo para o qual vivem...

Ivan Lebedeff, disse:

— Quando nos tornamos artistas, entregamos nossa alma e nossa vida ao publico.

E é verdade...

Os casos de amor entre artistas não lhes pertence. Pertencem ao mundo. Ao escandalo mesquinho desse mundo, pelas columnas dos jornaes mentirosos e pelos commentarios do publico insensato...

Se John Gilbert fosse John Smith e Greta Garbo Gretchen Gray, poderiam se ter amado á vontade e poderiam ter vivido juntos, mesmo sem casamento, a vida toda que ninguem diria nada. Apenas os vizinhos diriam. "Sim senhor, que felizardo o Jack Smith!"...

Mas John Gilbert e Greta Garbo, pertencem ao mundo. Não têm o direito de se amar, mutuamente. Na morte. Nos desastres. Os artistas não são como os outros. Se a morte ou um desastre fére o lar de um artista, elle não póde ostentar a sua magua e, muitas e muitas vezes, tem que se por; no dia seguinte, diante da objectiva que o fixa e fazer a scena mais alegre de quantas já tenha feito até então...

(*Termina no fim do numero*)

No escriptorio da Liberdade Film, em Recife: Jota Soares e Mario Mendonça (correspondente de "Cinearte"), autores do argumento. Mazyl, Claudio Celso e Luiz Maranhão, scenarista e director do film.

Mazyl Jurema e Claudio Celso numa scena de "No Scenario da Vida".

Mazyl Jurema,

Os que acompanham Cinema Brasileiro, na CINEARTE, conhecem, com certeza, Mazyl Jurema. E, como não ha ninguem que não se interessa por essa secção...

Eu, talvez mais um pouco feliz do que o "fan" distante. Falei com ella. Ouvi-a. Dizendo tudo do seu bonito sonho de Cinema. Tudo da sua grande ambição de Brasileirinha bonita que quer morar no coração de todos os patricios.

Ella é a estrella de *No Scenario da Vida*, da Liberdade Film, de Recife, que Luiz Maranhão dirige.

E' bem Mazyl, estrella do Norte...

Ella tem um "que" que lembra Tamar Moema. E no fluido negro dos seus olhos. No todo do seu corpo agil e bem feito. No seu menor sorriso. Na sua menor graça de mulher. E', nota-se, dotada de todos os requisitos que fazem uma artista de Cinema celebre.

Além disso, o que de mais encantador Mazyl tem, é a sua esplendida modestia. O seu tom humilde e bom. Que chega ao fundo da alma e arrebata-a.

Eu a ouvi, para CINEARTE. Para que os leitores, que têm lido um pouco das estrellas do Sul. Tambem leiam um pouco della. A Brasileirinha de fogo. Que tambem quer pertencer ao grupo que o publico estima e que o publico quer.

Aqui estão os commentarios sobre Mazyl Jurema. Estreia-se ella neste film.

Mazyl Jurema é parahybana. Nasceu em Campina Grande. Viveu innumeros annos lá. Depois, mudou-se, com a familia, para o Rio Grande do Norte. De onde veio para Recife, que apenas ha seis mezes tem a ventura de a hospedar.

— Você sempre gostou de Cinema?

— Desde pequenina! Era a melhor porção da minha vida, aquella que gastava assistindo films.

— E foi vendo films que se enthusiasmou e quiz tambem dar o seu quinhão aos films Brasileiros?

— Talvez. O facto é que sempre acompanhei o movimento de Cinema Brasileiro, pela CINEARTE. E, assim, vendo que, afinal, não era das mais feias, resolvi, aqui, offerecer os meus serviços á uma empresa Brasileira de films.

— Mas não quiz, antes, tentar o Cinema?

— Quiz. Retinha-me, sempre, a pouca confiança que sempre tive em mim mesma...

— Injusta, aliás...

— Talvez. Mas o facto é que temia ser um desastre. Um dia, porém, tendo lido a secção de annuncios de um jornal de Recife, li, quasi por acaso, uma publicação da Liberdade Film. Convidava moças para trabalhar em Cinema e offerecia um papel importante, mesmo. Era uma opportunidade. Não a deixei escapar. Lá, no escriptorio da Liberdade, receberam-me Luiz Maranhão e Edson Chagas. Depois de me examinarem, detidamente. Exame esse que eu lia no menor e mais simples olhar. Nada de positivo me disseram. Apenas me pediram que passasse por ali no dia seguinte. Isto, naturalmente, pelo numero de candidatas que já se haviam apresentado e que tambem deviam ser considera-

a Estrella do Norte

das Quando cheguei á minha casa, esse dia, tinha apenas desengano dentro de mim. Vi, claro, q[illegible]e tiro, que me tinham examinado. E que, finalmente, tinham-me achado uma negação. Francamente, quasi que lá não volto. A' tarde desse mesmo dia, eu até me achava deitada, descançando, quando me chamaram e me disseram que tinha "um moço de Cinema" que queria falar commigo. Ergui-me e, rapida, cheguei á sala. Era Edson Chagas. Trazia-me a estupenda noticia de que eu fôra escolhida para estrella de *No Scenario da Vida*, que iam iniciar no dia immediato. E, assim, em vez de provas, já tive que me dirigir ao Studio, no dia immediato, para iniciar o meu trabalho no mesmo film.

— Emocionou-se com essa noticia?

— Intensamente! Foi a cousa mais gostosa que já provei, na minha vida toda! Que emoção! Que arrepios de nervos e que temor de não me sahir bem no film... Foi, mesmo, o momento de mais nervos em minha vida toda!

— E gosta do que está interpretando, no film?

— Immenso! O meu papel é aquillo que eu mesmo sonhei ser, sempre. Apenas desejaria que meu papel não fosse tão triste. Preferia-o mais alegre. Mais vivo. Mais Joan Crawford... Agora...

— O que?

— Agradarei?

— Não tem confiança no que fez?

O Norte tambem respondeu o grito de "Vamos fazer Cinema Brasileiro"!

— Tenho. Tenho, porque fiz com todo meu sentimento. E com pensamento fixo no meu publico. Quero agradar. Sempre quiz! Mas tenho um grande medo de que me não tenham sido favoraveis os bons fados...

— Não tema! O publico Brasileiro é extremamente sensivel para com suas estrellinhas!

— Bem sei. E, confesso, esse é um dos grandes motivos da intima convicção que tenho. De me não ter enganado.

Depois disso, conversamos sobre diversas coisas. Ao tocarmos em Cinema americano, ella me disse que os seus artistas predilectos, são Ramon Novarro e Janet Gaynor. Naturalmente, vê-se, um casal espiritual... Não identico ao caracter que ella diz querer, sempre, interpretar num film...

— E dos artistas Brasileiros?

— Não posso ainda ter um predilecto. O unico film que assisti, Brasileiro, que até á minha terra chegou, foi *O Guarany*, dirigido pelo Capellaro. Mas, pelas photographias que tenho visto, ultimamente, acho Didi Viana e Paulo Morano, o meu casal predilecto de artistas Brasileiros.

— E Cinema falado?

— Aprecio-o. Não o posso querer bem, como ao silencioso, porque, afinal, falam cousas que não entendo... Mas, quando os films Brasileiros falarem... Eu me conto, já, nas hostes dos que vão adherir francamente á voz e ao som.

Foram as ultimas palavras que trocamos com Mazyl Jurema. Porque, antes de mais nada, occupavamos instantes preciosos ao director Luiz Maranhão e ao Edson Chagas. Era preciso não ter uma nesguinha de esperteza para ver que já me queriam fulminar co mos seus olhares terriveis e raivosos...

Assim, despedi-me della, e, ainda a vendo entrar em scena e viver um dos trechos do seu papel, com muito gosto e com muito sentimento, sahi.

Crente e certo de que Mazyl Jurema ainda vae ser queridissima do publico do Brasil. Tanto quanto Lelita Rosa, Didi Viana, Tamar Moema, Carmen Santos, Nita Ney e tantas outras.

—:—:—:—:—:—

"The Dawn Patrol", da First National, reune, sob as ordens de Howard Hawks, Richard Barthelmess, Neil Hamilton e Douglas Fairbanks Jr.

Dorothy Jordan

JA' A VIRAM EM "O BEM AMADO" COM RAMON? E EM "MULHER DOMADA" COM MARY E DOUGLAS?

Elle foi o successo de uma das mais bonitas sequencias de *Sangue por Gloria*. Depois, em *Legião dos Condemnados*, tambem mostrou o bonito artista que era. Aquella sua morte, fuzilado. Sempre com aquelle sorriso ao canto da bocca...

Depois... Chegaram os *talkies*. Elle era argentino. Não falava correntemente o americano.

Naturalmente não trabalharia mais...

Voltaria...

Quando, de repente, a Paramount o chamou. Contractou-o por quatro annos. Era um successo... Mas... Porque seria aquillo?

Eram os *talkies* em hespanhol...

—oOo—

— Acharam que eu não seria capaz de falar inglez, correntemente. Ahi, disse-lhes um trecho de um dialogo de *Journey's End* Convenceram-se disso. Não me deram, é verdade, papeis na versão ingleza de *El Cuerpo Del Delicto* Ou seja. *The Benson Murder Case*. Mas, afinal, agora já tenho minhas opportunidades marcadas. Representarei em versões inglezas, hespanholas e francezas.

Disse-nos elle, logo de começo.

Elle tem mudado de vida, ultimamente. Fox. E Raoul Walsh, finalmente, escolhia-o para ser o *Filhinho da Mamãe*, em *Sangue por Gloria*, que ia dirigir. Foi propriamente com este film que elle iniciou a sua carreira. E, pouco depois, era mais um nome a augmentar a lista de correspondencia daquelle Studio...

Antes desse papel e antes do seu primeiro contracto, Barry Norton nunca pensou em outra cousa que não fosse o seu trabalho. Que não fosse a sua situação. Mas... Assim que o teve... Desandou. Começou a ser falado. A andar com uma turma de rapazes nem sempre apreciaveis. E, além

Barry Norton

Não tem mais sido o Barry Norton de outros tempos... Cheio de casos amorosos. Entre os quaes, principalmente, o de Myrna Loy...

Está mudado. Pretende devotar-se exclusivamente á arte. Ha tempos, quando filmavam *Beau Geste*, elle procurou arranjar um lugar como extra e seguir com elles, para a locação. Não o deixaram ir. Allegaram que era joven demais e que não resistiria ao esforço do trabalho intenso que iam desenvolver.

Logo ao principio da sua carreira, Irving Cummings pediu-lhe um *test*, para galã de *O Beijo da Meia Noite*, ao lado de Janet Gaynor. E' verdade que não o teve. Por causa de determinadas circumstancias que, afinal, fizeram de Richard Walling o seu substituto. No emtanto, impressionado com o seu bom desempenho, nas provas varias do *test*, Winfield Sheehan, de prompto, pol-o sob contracto, com a disso. A se envolver em casos de amor. Cada qual mais complicado do que o outro... Inclusive o de Myrna Loy, que foi, sempre, o mais commentado delles.

Esquecido de tudo, elle proseguia, firme, na sua vida de todos os dias. Ao passo que augmentava o seu salario. De accordo com o seu trabalho excellente, de sempre, tambem augmentava elle os gastos. E, de dia para dia, mais gastos fazia e mais conforto exaggerado procurava dar aos seus habitos.

Não se preoccupava com nada. Um dia, tendo se retardado para provas. Foi censurado e lhe perguntaram o que faria se fosse cortado da folha de pagamento daquelle Studio. Elle, serenissimo, declarou.

— Procurarei outro!...

E, sempre despreoccupado, procurava, antes de mais nada, fazer aquillo que lhe apetecesse. Sem olhar para traz e sem pensar em possiveis acontecimentos.

Foi ahi, mais ou menos, que a Paramount o pediu emprestado para figurar em *Legião dos Condemndaos*. E, depois de exhibido o film, verificou-se que todas as criticas eram unanimes em reconhecer que o "bit" que elle fazia naquelle film. Era, por certo, quasi melhor do que o trabalho todo de Gary Cooper e Fay Wray, os principaes...

Foi por isso que, mais tarde, ainda depois de mais uma serie de pequeninos papeis, na Fox, que foi de novo emprestado, pela mesma fabrica, para figurar ao lado de Emil Jannings, em *O Peccado dos Paes*. E, depois do film exhibido, com grande satisfação sua, Barry verificou, tambem, que o seu trabalho, em certas scenas, particularmente na da cegueira, chegaram a achar superior ao do proprio Jannings.

Ahi, finalmente, deram-lhe uma melhor opportunidade. Foi ao lado de Madge Bellamy, em *Sally, dos meus sonhos*. Que aliás, era, tambem um dos primeiros *talkies* que a Fox fazia.

Pouco tempo depois, terminava o seu contracto. A Fox nem pensou em o renovar. E, sahindo dali. Aproveitando algumas economias, passou a esperar, em todos os Studios, a sua nova opportunidade.

Uma das suas maiores ambições foi fazer o papel de *Raleigh*, um joven

(Termina no fim do numero).

FILM DA UFA

IVAN MOJOUSKINE . . . . *Manolesco*
BRIGITTE HELM . . . . *Cleo*
Dita Parlo . . . . *Jeanette*
Henric George . . . . *Jacques*

Director: — W. TOURJANSKI

Depois de gasto o ultimo vintem. Depois daquelle convite do Club. Pedindo-lhe que não o frequentasse mais. Talvez propenso a trabalhar. Crime que não commettera, até então... Manolesco. Figura de distincção e vicio. Significado triste de muitas más qualidades fundidas numa só pessoa... Achava-se ali. Diante da reclame luminosa do Club. Plena Paris. Sem coragem para entrar. Sem coragem para caminhar. Sem coragem para nada. Ali se achava elle.

Toda a sua vida. Percorrida, de diante para traz. De traz para diante. Nada lhe dizia. Nada significava. Apenas um panno verde. Fichas. Cartas ou a esphera a procura do numero da sorte. E nada mais.

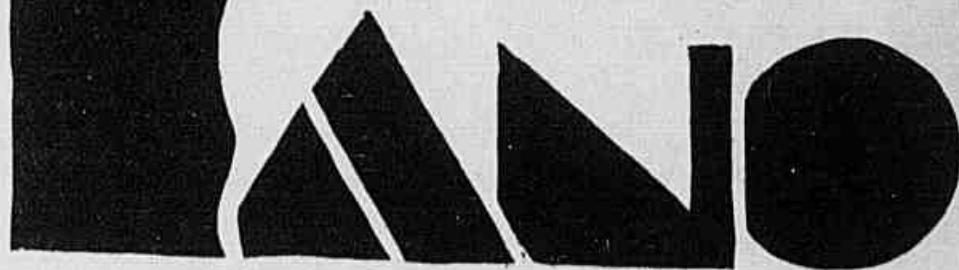
Quem lhe dava, agora, tão tremenda pouca sorte?

Elle frequentara todos os Clubs. Percorrera todas as principaes cidades. Ganhára. A's vezes, apparecia-lhe uma conquista. Mulher de fogo e paixão. Que o empolgava e fazia esquecer toda a sua vida de jogador...

Mas voltava a tentação. Chegava o tedio. E Manolesco. Figura triste. Embora rindo. Embora escarninho e terrivel. Era profundamente infeliz. Profundamente desgraçado.

Passavam homens ao seu lado. Passavam mulheres. Passavam moças. Velhos, mesmo.

Umas, vendo-o ali. Distincto e eternamente elegante. Convidavam-no. Outras... Achavam-no um louco, talvez...

A's vezes era um amigo.

— Oh lá! Como vaes? Não entrás?

E summia pela porta escancarada como se ali estivesse para tragar todos os que passavam...

Um, mais attencioso, parou.

— Não entras?

— Não.

— Por que?

— Lê!

E Manolesco passou-lhe o convite do Club.

— E porque?

— Por causa das dividas...

— Em quanto montam.

— Uma fortuna. Queres emprestar-me?

O amigo summiu.

Chegou outro. A mesma pergunta. As mesmas respostas. Depois a fuga. Mais outro. Até que Manolesco já pensava nas bordas de um rio que passava ali perto e poderia ser o fim esperado de tudo aquillo...

Mas veiu o ultimo. Retardado.

— Porque não tentas Monte Carlo? Talvez seja Paris o teu azar... Foi. Fôra a ultima phrase que deixára. Ali ficára Manolesco.

Depois atirou a mão á testa.

— Eureka!

Achou a solução. Correu ao penhor. Que em Paris não fecha nunca. Penhorou joias bôas. Por máu dinheiro. E, hora depois, achava-se, já, no interior do trem de luxo. Paris-Marselha-Monte Carlo...

Senta-se. Ali, naquelle morno wagon.

(MANOLESCU)

São muitas as idéas que lhe percorrem o cerebro.

— Eu... Aqui... Mas porque? Mas sou eu, mesmo?

Apalpava-se. Sentia-se. Era elle mesmo...

Olhava os que ali estavam. Apalpava a passagem, no bolso. Percorria um jornal qualquer. Voltava ao Club. Relia a noticia incrivel que lhe haviam dado. De que não mais o poderia frequentar.

Quando o trem se poz em movimento. Depois de alguns minutos. Seus olhos athletas, saltavam sobre uma revista discreta. E apanhavam a figura linda. Profundamente linda. De uma passageira. Só? Ou acompanhada? Casada? Solteira? Viuva?

Começou a se distrahir.

Ousado. Temperamento de fogo e agil. Atirou-se á conquista.

Tropeçou no pouco caso de um muchocho. Encontrou-se frente a frente com um sorriso fechado de repente e escondido no interior da lindissima boquinha...

Não lhe tirou mais os olhos. Devorava-a. E o trem corria. Afastando-o de Paris. Levando-o para uma ventura cujo desfecho desconhecia. Apenas lhe mostrando toda a formosura e toda a tentação daquelles labios humidos. Daquelles olhos verdes. Daquelle nariz perfeito. E daquella seducção impressionante daquella mulher romance. Mulher mysterio. Mulher fita em série... Que ali estava a preoccupal-o mais do que a sorte que ainda ha pouco tivéra de encontrar um amigo e um conselho providencial...

Aquillo ia ter rapido fim.

E foi assim.

Pouco depois de sahir o trem, chegaram á primeira pequena parada. Ao lado da mulher linda. Chegou-se um homem feio. Depois, quando elle se preparava para sentar. Um outro. Magro. Achegou-se á elle. E murmurou, rapido.

— Detectives!

Foi a conta. O homem feio e gordo e grande. Deu um salto. Pela janellinha. Contado, parecia anecdota. Mas deu!. Ella, rapida, correu em direcção ao corredor. Manolesco, já á beira do seu leito, ia se recolher. Ella deu um salto. Afundou-se pelo seu leito. Escondeu-se sob o cobertor. E fel-o deitar-se ao seu lado, para melhor a esconder.

Entraram os detectives. Houve a busca. O homem gordo e feio. Saltára para um wagon proximo. E com elle partira. Os detectives só acharam o riso cynico de Manolesco. Nada viram de anormal. Retiraram-se.

Tudo isso em um instante. Fulminante. Quando já Manolesco desistia de

(Termina no fim do numero)

JONH BOLES, O HOMEM DO MOMENTO ROMANTICO...

O Momento mais Romantico da minha Vida

Vamos ouvir John Boles. Fallando. Contando qual foi o mais romantico instante de toda sua existencia...

Mas elle vae fallar ou cantar?...

Não sabemos...

— O momento mais romantico da minha vida, veio-me depois de me ter casado. E, francamente, minha esposa não estava ao meu lado...

— Eu estava, naquella épocha, apaixonado por minha esposa. Mas amando-a, naturalmente, na fórma mais pratica e mais moderna possivel. Sem duvida era realismo o nosso amor. Um sentimento forte e inquebravel que, por certo, muito e muito me tem animado. Mas, no nosso amor, houve muito pouco romance. "Romance", no sentido que quero dizer. E' essa chama fragil. Tenue. Pequenina e suave. Que nos envolve sempre com um manto purissimo de sentimentalismo...

— O meu casamento, foi expontaneo. Foi, mesmo, a consequencia de uma grande amisade. Quando accordamos, estavamos casados. E, assim, continuamos suavemente pela vida. Sem sustos. Sem preoccupações. Sem emoções.

— Mas o meu "romance"... Esse... Começou durante a travessia do Atlantico. Que eu fazia. Jamais soube o sobrenome da pequena. Ella... Ella tambem não soube o meu. Jamais consegui saber como é que entramos, pela vida um do outro, tão subtilmente. Para tão subtilmente sahirmos, logo depois...

— Sei que, certa noite, trouxe-me o capitão, para a mesa, uma figurinha suave e pequenina de mulher. Que me disse, tenuemente, que sua mãe se achava indisposta. E que me pedia licença para se sentar ao meu lado.

—Não me lembro o que comemos. Nem o que conversamos. Tambem não sei se fomos logo para as cabines. Ou se fomos passear, pelo tombadilho. Porque, até ali, nada me tinha chamado a attenção. A cousa começou depois. Quando eu passeava, alta noite, pelo tombadilho do navio. Do lado do salão de dansas. Quando ella se approximou e se appoiou suavemente ao meu braço.

— Foi o principio do meu romance. Depois disso, até que nos achassemos perto de Paris. Não consegui, francamente, lembrar-me sinão disso. O resto, para mim, nada significava. Era ella. Apenas ella! Sómente ella...

— Ella me parecia um pouco antiquada. Nos seus modos de fallar e de se vestir. Começou a nossa historia, quando a lua banhava o tombadilho do navio. E, da sala de dansa, vinha, morna, uma valsa que convidava ao sonho. Tudo, ali, principalmente para mim. Parecia um "set" de Cinema. Havia, naquillo tudo, um perfume intenso de "romance". Talvez fosse, mesmo, o primeiro grande romance daquella vidinha de boneca. Assim, ao menos, era a sua attitude. Olhava-me, nos olhos, com a mesma suavidade de um anjo. Parecia achar, aquella situação uma cousa unica. E eu, mesmo, pela primeira vez. Depois de tanta experiencia. Sentia que ali havia algo de anormal commigo... Eu sabia que era casado. Mas era casado por camaradagem. Por affecto. Mas sem "romance"...

— E como são tristes os casamentos assim!

— Ao passo que passeavamos, pelo tombadilho, tomei duas resoluções. Primeira. Que o amor é tão grande quanto o romance. Mas que um deve ser sempre separado do outro... Segunda. Que não deveria dizer que era casado. Porque tinha certeza que aquillo não se transformaria em paixão. E que, assim, não tinha necessidade de destruir, nella, um sentimento tão suave.

— Foi assim que, para mim, passou ella a ser Marilynne. E eu, para ella, simplesmente John. Nada mais do que isso. Parecia, nas nossas conversas, que eram nossos espiritos que commungavam. E pareciamos, francamente, que aquelle navio immenso nos iria conduzir ao paraizo... E foi assim que tudo terminou quando nos apertamos as mãos. Pela ultima vez. Ao descer em Paris...

— Depois do nosso primeiro encontro Continuamos a nos encontrar. Continuamos a conversar. Sua mãe era extremamente severa. Mas apesar disso, não conseguia impedir que fossemos, todas as noites, para o mesmo recanto do tombadilho, a espiar a lua... Eu viajava só. Talvez ella pensasse que terminaria casado com sua filha. Ia estudar musica, na Europa. E deixára minha esposa nos Estados Unidos.

— Eu conhecia o amor. Era bem por isso, talvez, que custei a comprehender aquella menina... Ella, no emtanto, comprehendeu-me logo. E, ao cabo de dias, em me convencer de uma cousa. De que era, com certeza, todo o sonho daquella pobrezinha tão cheia de ingenuidade. Passavamos horas e horas. Nas cadeiras do tombadilho. Fallando do meu futuro. E, baixinho, cantando-lhe eu as minhas melhores canções...

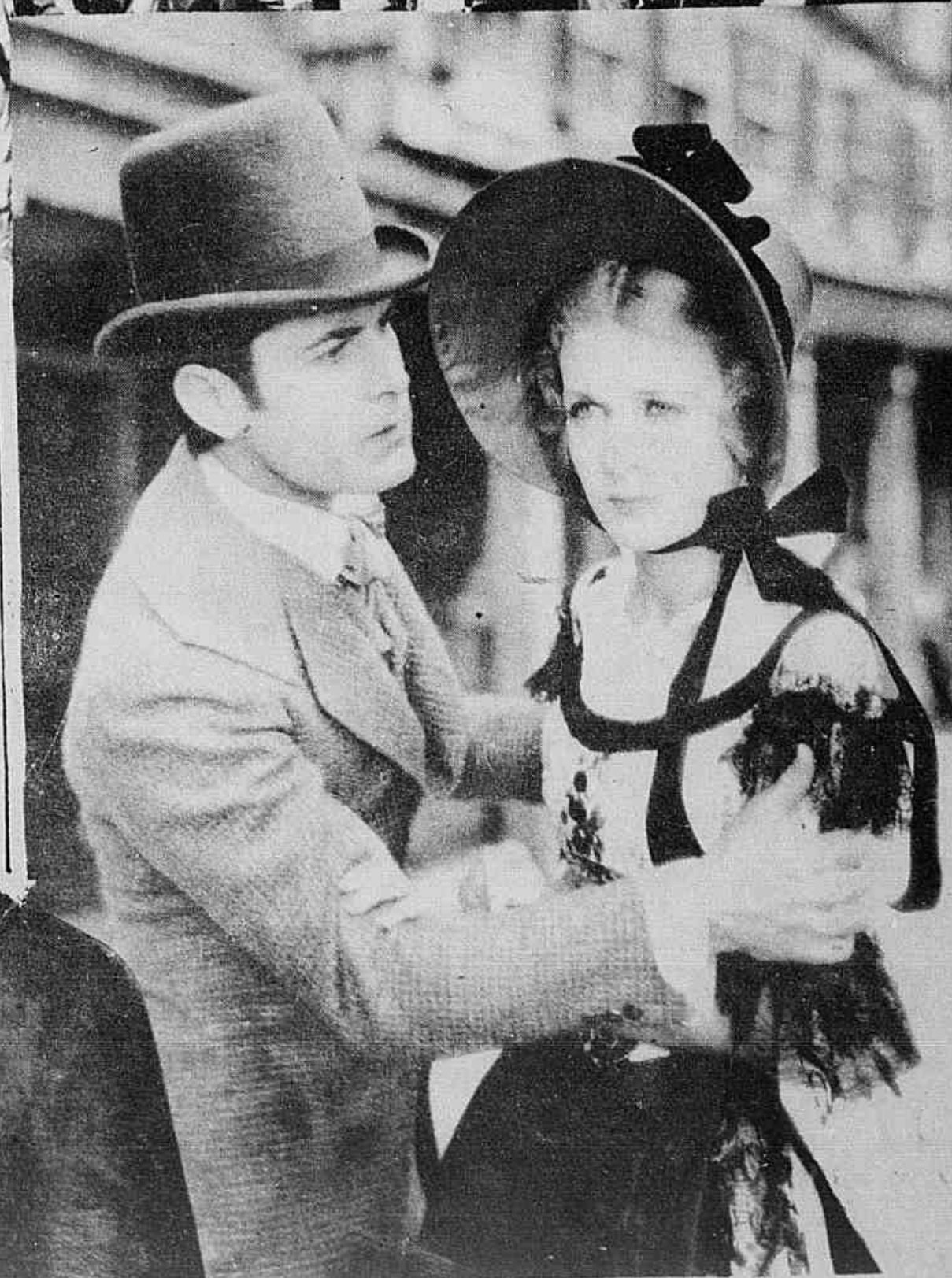
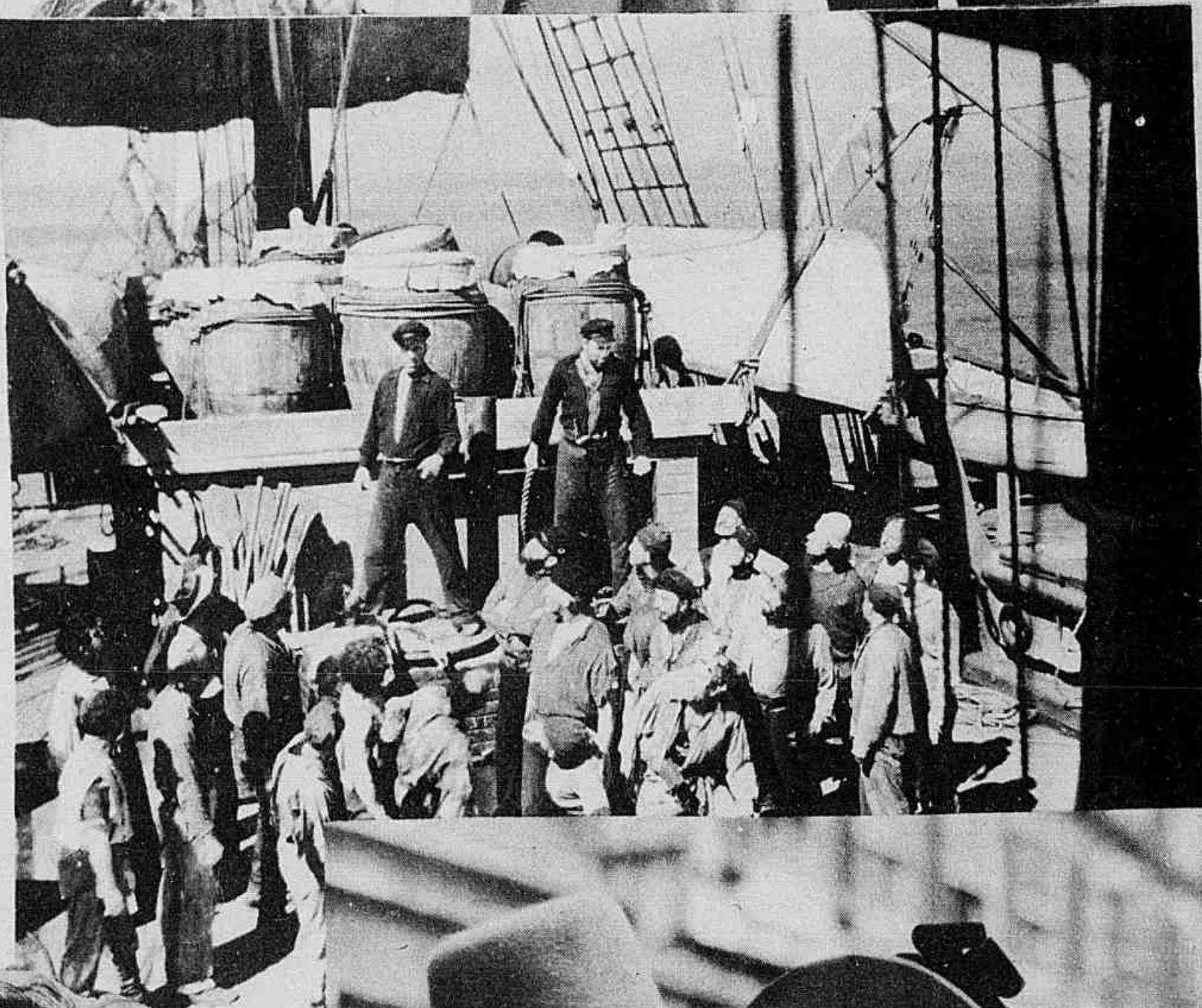
—Ella, suavemente, contou-me todos os seus planos. Que ia estudar em Paris. E que, depois, voltaria para o Sul da Carolina, seu logar natal.

— Ansiava por ver Paris. E, assim, viviamos em conversas. Sempre trocando idéas. Sempre tirando, de tudo, um motivo para o romantismo daquella situação, unica e maior da minha vida.

— Assim, sem que sentissemos, chegou, para nosso desgosto, a nossa ultima noite, a bordo. E, approveitando-a, conversamos longamente. Fazia calôr. E, além disso, uma brisa forte e excitante nos varria os nervos. E' logico que poderiamos tomar o mesmo trem para Paris. E, ali, ainda poderiamos continuar tendo encontros e, assim, continuando a nossa profunda amisade. Seria sem duvida maravilhoso, mesmo!

— Mas, em Cherbourg, perdi o comboio. Ella partiu sózinha...

— Na minha vida, ella entrou suavemente. Como um sonho que nos vem embalar o somno. E, quando se foi, esquecia-a.

(Termina no fim do numero)

JOHN BARRYMORE
LLOYD HUGHES
E JOAN
BENNETT
EM
"MOBBY DICK",
NOVA EDIÇÃO
DA "FERA DO
MAR"...

Cinema de Amadores

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

A PROPOSITO DA CASA PATHE'

Sobre o assumpto que serve de titulo á nossa secção de hoje, temos recebido ultimamente innumeras cartas dos amadores. Umas encerram pedidos de informações, outras encerram queixas e suggestões, outras, finalmente, trazem noticias sobre o que os amadores do interior pretendem realizar, ou já realizaram. Vamos collocar todas essas novidades deante dos nossos collegas e amigos, por intermedio da nossa secção, acompanhadas, porém, das necessarias considerações a respeito.

O amador Sr. Ramão Planella, de Sant'Anna do Livramento, no Estado do Rio Grande do Sul, é um collega de merecimento.

Temos prazer em transmittir a todos os nossos leitores aquillo que elle nos communicou. E' que o Sr. Planella procura conhecer o apparelho de que se serve, afim de praticar a arte do amadorissimo cinematographico com a devida e necessaria sciencia.

O apparelho projector do amador Planella.

Muita gente se diz, por ahi, amadora disto, disso ou daquillo. Adquirem uma camara, um projector cinematographico, ou ainda, em outros casos, uma camara photographica, um phonographo, um receptor radiotelephonico, e ás vezes nem sabem denominar correctamente o apparelho. Quantos "amadores" de phonographia não andam por ahi, a chamarem um phonographo de "vitrola", ou quantos de radiotelephonia não se vêem tontos, sem conhecerem os orgãos do seu receptor, ou sem mesmo saberem da funcção que elles desempenham?

Graças aos céos, isto que se dá com os outros amadores, já não acontece tanto com os amigos do amadorismo cinematographico. E o nosso collega de Livramento é deste numero.

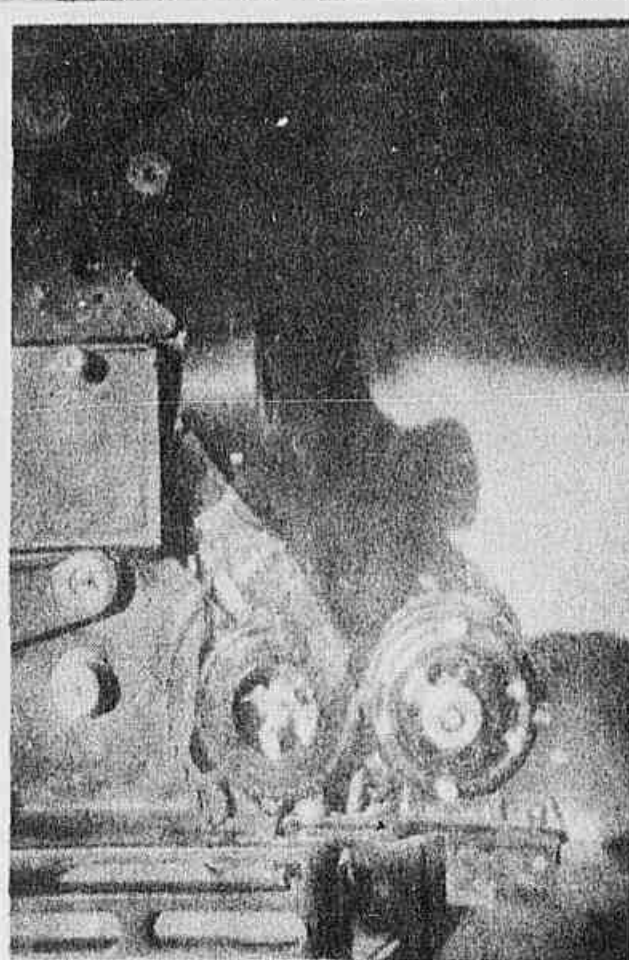
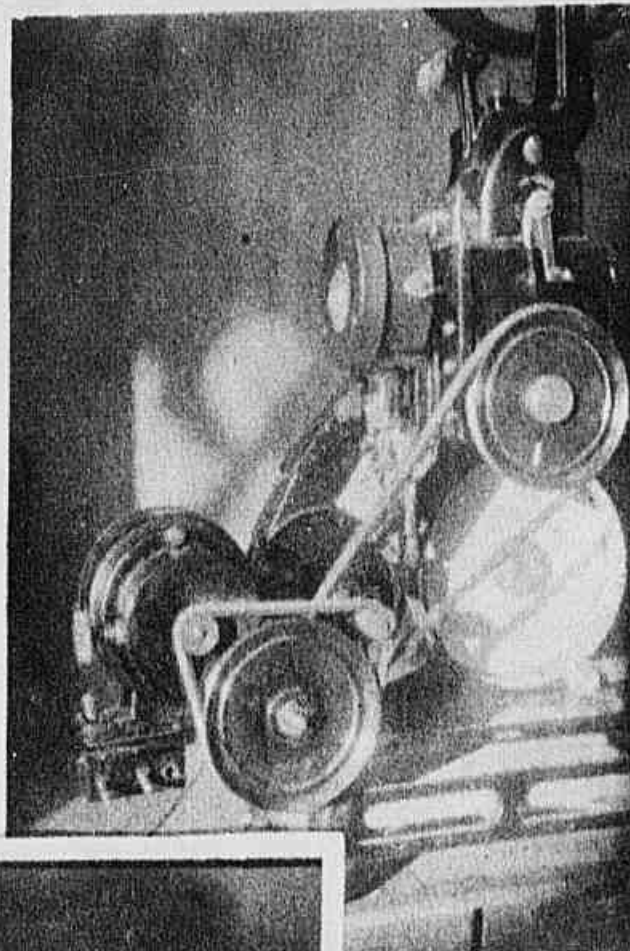
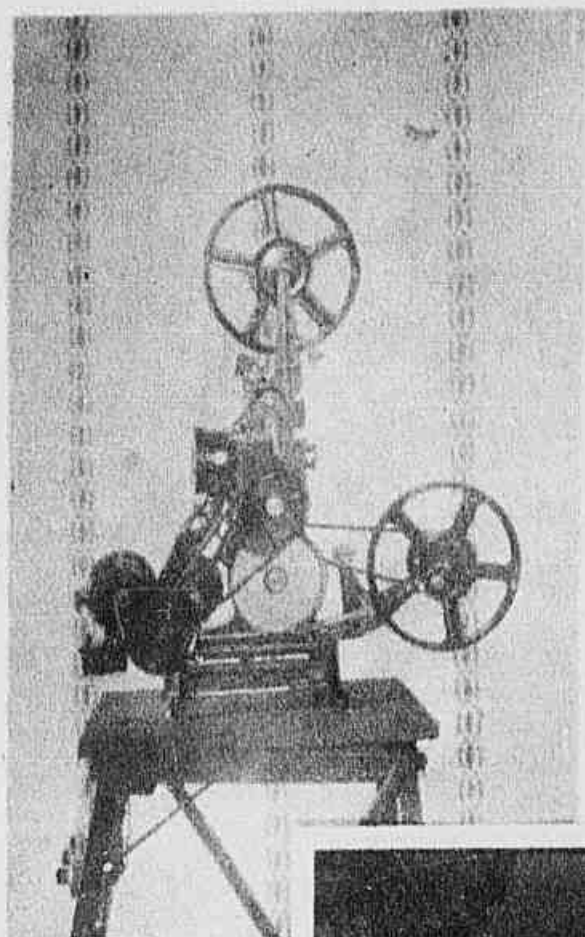
Conhecendo os apparelhos de que se serve, uma Motocamera Pathé e um projector Super-Baby, o Sr. Planella fez com elles algumas experiencias, e o que nos é mais agradavel em se tratando de um brasileiro, procurou melhoral-o. Aquelle projector Pathé é conhecido de quasi todos os amadores, por este mundo afóra. E o Sr. Planella, tendo notado um inconveniente durante a projecção, procurou remediar o pequenino mal, introduzindo um accessorio de sua invenção no mesmo projector. Communicando-nos a sua invenção, o nosso amigo de Livramento escreve:

"Como amador de Cinema, venho communicar ao amigo que estive trabalhando sobre um pequeno aperfeiçoamento no projector Pathé. Trata-se de um ventilador accionado pelo mesmo motor do apparelho, para refrescar o film durante o tempo que este fica immovel, nas "encoches" feitas ao lado dos letreiros, pois a forte luz da lampada produz intenso calor sobre a pellicula, a ponto desta chegar a torcer, a enrugar-se, mas não a queimar-se.

"O amigo, que possivelmente conhece os projectores Super-Baby, ha de ter notado este inconveniente, porém, com o auxilio deste meu accessorio, após a passagem do film não se nota absolutamente se o film foi passado ou não nas imagens onde a pellicula fica parada defronte da janellinha de projecção, tal o poder deste ventilador, o qual produz uma forte corrente de ar, esfriando o condensador, o film, e todas as partes por onde passa a luz, procedente da lanterna.

"Este meu apparelho consta de um supporte, com dois mancaes, por onde passa um eixo que traz, numa ponta a polia, e na outra o ventilador, o qual está sugeito por um "carter" onde se concentra a corrente de ar, que chega á janellinha de projecção por meio de um tubo.

"Note-se que este meu accessorio é adaptavel a qualquer projector, podendo-se montar em poucos momentos, pois está seguro pelos parafusos que sustentam o motor. Junto a esta umas photographias, para o amigo vêr como é este meu invento, e como está elle disposto".

O aperfeiçoamento do Sr. Planella, bem como as photographias remettidas conjunctamente e a respeito, ficam portanto aqui, nas paginas de "Cinearte", apresentadas aos amadores do Brasil. Agora, as considerações sobre o assumpto, de que falamos mais acima. Como é natural, tratando-se de um aperfeiçoamento intimamente ligado aos apparelhos Pathé, procurámos o Sr. R. Gaudin, chefe da "Societé Franco-Brésilienne" no nosso paiz, e apresentámos-lhe a carta e as photographias enviadas pelo Sr. Planella. Ao contrario, porém, do que esperavamos, o Sr. Gaudin não pareceu demonstrar muito interesse pelo invento do Sr. Planella, declarando-nos categoricamente, no seu escriptorio, que a utilidade pratica do ventilador era quasi nulla.

Aqui vão as justificativas do Sr. Gaudin, cujas idéas aliás, desejamos frisar, são exclusivamente da sua responsabilidade:

Primeiro: si o condensador é applicado justamente para que o film não se estrague, torcendo-se sob a acção do calor da lanterna qual seria a utilidade do ventilador?

Segundo: caso não houvesse condensador, o ventilador do Sr. Planella seria de muita utilidade, mas com a presença do condensador elle se torna absolutamente inutil.

E ahi ficam as objecções do Sr. Gaudin. As columnas da nossa secção ficam abertas para o que os amadores desejem suggerir a respeito.

Ainda tratando da Casa Pathé, o mesmo Sr. Planella escreve, relatando o seguinte: "Dias passados, recebi de Paris um catalogo, onde vem uma novidade Pathé-Baby Trata-se de um apparelho para imprimir os letreiros, com jogos de letras e alguns accessorios. Este denomina-se "Lanterne Pathé-Baby Titre", e a luz para a impressão não é a natural, e sim proveniente de duas lampadas Philips Argenta, segundo creio. Sobre este accessorio, nada sei que haja aqui, pois nos catalogos da "Societé Franco-Bresilienne" ahi do Rio não consta, creio que por serem os catalogos impressos ha tempo. Si o amigo souber do apparelho ou vir que na Casa Pathé ahi do Rio o têem, queira communicar-me, o que muito lhe agradecerei".

Agora as nossas considerações e respostas a proposito do assumpto. O apparelho de que o amigo fala está lá no laboratorio da Casa Pathé. Como porém, que saibamos, só ha esse exemplar, o qual justamente faz o serviço de Filmagem para os amadores, por isso elle mesmo não está ou não póde estar á venda. Trata-se de uma especie de quadro negro, com 1 metro de largura e 60 ou 80 centimetros de alto. Ha ainda um jogo de letras brancas, que se arrumam no quadro, formando as phrases. Depois, illumina-se fortemente o quadro com lampadas electricas, e photographa-se o conjuncto. Infelizmente porém, como dissemos, ainda não o vimos á venda.

A proposito ainda da Casa Pathé, um nosso collega, mas desta vez do Norte, e não do Sul, isto é de Recife e que se assigna P. Mauricéa, escreve:

"Tomo a liberdade de dirigir-lhe a presente, para a qual solicito o obsequio de sua attenção. Para facilidade da sua resposta, mencionarei os "itens" separados, e em seguida os assumptos de que preciso esclarecimentos e que, penso, sómente T. S. poderia responder-me a contento, embora alguns não lhe sejam faceis.

"Primeiro: qual o preço da acquisição de uma Pathé Baby.

"Segundo: qual o custo por que sahe, afinal, prompto para a projecção, um film de 10 metros da Casa Pathé.

"Terceiro: poderia informar-me si a Casa Pathé pretende collocar em Recife os seus productos e tambem installar algum laboratorio?

"Devo informar-lhe, para justificar a presente, que muitas são as machinas de filmar vendidas em Recife. Acontece porém que essas machinas são, na sua maioria, Kodak. Têm-se vendido tambem muitas Agfa, e Zeiss-Ikon. Entretanto, os que compram Pathé vêem-se logo mal servidos: films difficeis de serem obtidos, e quando o são já se acham selados. Demóras na revelação dos que são remettidos ahi para o Rio, e outras mais".

As perguntas feitas acima pelo nosso amigo de Recife vão agora devidamente respondidas; o que não fosse facil de responder, procurariamos tornal-o.

Primeiro: o preço da camara, ultimo modelo, movida a motor de mólas, isto é, o preço da Motocamera Pathé é de 580$000, trazendo uma objectiva Berthiot 3,5. Com uma objectiva Zeiss, o preço varia entre 740$000 e 900$000. Quanto ao projector, tambem do ultimo modelo, póde ser movido á mão ou a motor electrico, e em ambos os casos póde ainda projectar rolos de 100 metros, por meio do dispositivo Super-Baby, que se adapta instantaneamente ao apparelho. O preço do projector é de 875$000. O do motor electrico é de 150$000. E o do dispositivo Super-Baby é de 165$000.

Segundo: dez metros de film Pathé podem sahir pelo seguinte custo. Suppondo-se que o comprador já possúa os "magazines" de metal da sua camara, para mandar enchel-os, teremos o custo do film virgem, o custo da revelação, e o custo da bobina, para enrolar o film. O film virgem sáe por 6$800, a revelação por 5$000, e a bobina de 10 metros por 800 réis. Caso o comprador não possúa o magazine, precisa adquiril-o primeiro. Irá pagar 11$000 por um, porém o magazine servirá constantemente, sem ser necessario renoval-o.

Terceiro: a casa Pathé já tem os seus proprios productos collocados em Recife. Como é que não os encontrou? Apenas o laboratorio ainda não foi installado na "Cidade de Mauricio". Porém já pelo interior do Norte o numero dos negocios effectuados têm-se elevado constantemente. Na "Mauricéa" deve haver uma firma denominada Oscar Amorim & Cia. E' essa casa que representa a Casa Pathé em Recife.

(Termina no fim do numero)

LEILA HYAMS

Cinearte

RAQUEL TORRES

Cinearte

CLARA BOW
Cinearte

DENNIS KING
(Paramount)
Cinearte

LILLIAN HARVEY E ALEXANDER SASCHA.
AO ALTO, CONRAD VEIDT EM "DIE LETZTE KOMPAGNIE"
CHARLOTTE SUSA.

O QUE FIZERAM AGORA DE EMIL JANNINGS NO FILM ALLEMÃO "DER BLANE ENGEL".

LILLIAN HARVEY.

A VIDA de

gao de rua. Vinha-lhe, atravez a sua melodia, uma aria que conhecia. Prestou attenção.

Era o "Monte Carlo Moon"... Foi ahi que lhe veio a inspiração. E, em vez de se arremessar pela janella, atirou uma pequena moeda. O macaco do orgão apanhou-a. E, assim Sharon

Sharon Lynn, que tanto successo alcançou em "Um Sonho que Viveu". Cantando "Turn on the Heat..." Dansando... E, depois, apparecendo em "Dias Felizes", dansando, dominou todo o publico... Está, agora, num novo film. "In Love with Love".

E' esta a noticia que tivemos, recentemente. Outro film que ella fará. Outro "talkie". E outro successo, por força.

Isto tudo parece nada ter com a cousa e nem interesse algum, não é?

Pois tem!

Porque atraz disso tudo, ha uma historia. Ironica e interessante. De uma pequena formidavel. Linda e estupida. Que não conseguia vencer, nos films...

A sua carreira. Ou antes. O seu fracasso. Começou na escola que a Paramount mantinha, lembram-se? Uma escola mantida pela grande fabrica. Que, como todas as escolas, fracassou...

Eram 16 alumnos da escola, ao todo. Oito rapazes. Oito moças. Poucos delles passaram, até hoje, de ligeirissimos successos. Duas dellas, porém, foram consideradas redondos fracassos.

Laverne Lindsay estava no meio destas duas...

E Laverne Lindsay, hoje, chama-se Sharon Lynn...

Mas Laverne achou que não lhe tinham dado uma opportunidade que prestasse. Ella sabia que ainda viria a ser uma grande artista. E que isto saberia mostrar aos seus chefões de outros tempos...

Algum dia, talvez, viessem supplicar os seus serviços. E, ahi então, ella saberia responder. Isto, ella lhes disse rosto a rosto. Sem misturar as palavras. Sem acanhamento algum.

Mas ella era um fracasso. Um pobre e miseravel fracasso. Surrada pela vida. Derrotada, justamente no instante em que as portas do successo se podiam abrir para ella...

Foi ahi que, desanimada, quasi, passou a fazer parte do côro musical de "Sunny". Uma revista que estava alcançando muito successo. Quando iniciava, chegou-lhe um telegramma de seus paes.

– Consentimos Cinema. Mas não admitimos theatro.

Ella accedeu, sem palavra de resposta.

Pensou em morrer. Tudo que sonhára, fracassára. Aquella escola, commera-lhe a ultima illusão. Tanto que sonhara apparecer num film! Tanto! Olhava-se no espelho. Não achava crivel que fosse tão feia assim...

Quando era creança, não teve opportunidade artistica alguma. Agora, moça, tambem as perdia...

Cantando e tocando piano, para se manter, compoz, certa occasião, "Monte Carlo Moon", um "blue" sahido da sua alma. Que foi comprado por 2 mil dollares e impresso em discos, tambem. Mas não se sentia feliz com este successo. Escrever canções. Vel-as publicadas. Era cousa que nada lhe importava. Ella queria o Cinema. Este, sim! Mas este parecia tanto estar a fugir da sua ambição...

Certa occasião, quando se achava no seu quarto, janella aberta, por causa do calôr. Estando num 7° andar, pensou no final que devia dar áquillo tudo. Viu a sua ultima chance. Atirar-se por ali. E, na morte, encontrar o lenitivo necessario... Pensou em um montão de cousas. A janella aberta. A rua, lá em baixo, o som de um or-

Lynn decidiu dar novo rumo á sua vida... Hollywood já a conhecia, pouco tempo depois, como pequena de bôa voz e excellente corista. Mas... Afinal de que lhe valia ter bôa voz?

Foi ahi que conseguiu, com a F B O, um contracto. E, dentro de pouco tempo. Estava roubando os films de Tom Tyler. De Tom Mix. E de todos os maus artistas daquella fabrica... O seu salario era pequeno. Os seus papeis, insignificantes ao extremo. Mas... Emfim. Davam para viver e, ainda, mantinham-na no Cinema. A sua grande ambição.

Foi ahi que começou a avalanche dos "talkies".

Sem que tentasse. Ou que julgasse que nelle ainda conseguisse ser um successo. Viu-se. De uma hora para a outra. Cantando e dansando no "Fox Movietone Follies de 1929". E foi ahi que, quando leu as criticas, que comprehendeu que o seu "That's you, Baby", era um exito sem nome e que, della, todos os jornaes diziam maravilhas...

Depois disso veio "Um Sonho que Viveu". Depois, "Dias Felizes". Em ambos, Sharon Lynn foi um successo. A sua voz. Rouca e grossa. Mas com um não sei que de formidavel. Era, sempre, a grande attracção do "show". E, assim, de um dia para o

SHARON LYNN

outro, pode-se dizer, achava-se ella, finalmente, dentro de um papel que ao menos lhe servia.

Um dia, num boulevard qualquer, Sharon encontrou-se com Charles Rogers.

— Hello, Charlie!

Pararam para conversar.

— Lembras-te dos tempos da escola, quando eras o alumno predilecto e eu a alumna sem esperanças? Aquella que sempre ganhava as orelhas de burro?...

Charlie lembrou-se. Conversaram longo tempo. E, assim, ambos, successos de hoje, foram rua abaixo, discutindo os insuccessos de hontem e os successos de hoje...

E bem por isso, hoje, revendo seus dias passados, Sharon sente um grande conforto. Porque venceu. A custa do seu esforço. Apenas. Sem recorrer á mais ninguem.

E' bem verdade que se deixou vencer pelo primeiro impeto. Mas, afinal, os primeiros impetos são, mesmo, os peores... Pensou, reflectiu. E, afinal, achou que devia ter paciencia e começar pelo começo.

A sua experiencia innicial, foi amarga. Trabalhar com vaqueiros e mais vaqueiros. Ser, nos films, a eterna pequena que elles, em corrida doida, arrebatam dos cavallos em disparada. Na ultima scena, era beijada. Fatalmente pelo galã.

Mas um dia ..

Vieram os "talkies". E, com elles, a sorte de Sharon. E' bem verdade, tambem, que ainda não lhe deram um papel á altura do que ella é. Mas, afinal, com o tempo se fará. Porque, sendo linda como é. Maravilhosamente bem feita de corpo, é. Tendo a voz que tem. Sendo a bôa artista que é. Sharon está fadada ao successo.

Ha, na lingua americana que ella falla, com tamanha graça. Uns versos bonitos que são muito della.

Elles aqui estão.

Estamos na épocha dos films fallados. Para que traduzir?... Demais, essas cousas só em americano...

Be good, sweet maid,
[and let who
will be clever,
do noble things; not dream them
all day long
and thus make life and that vast
forever,
One grand sweet song.

Não acham que é verdade?

Não deve ella, da vida, fazer uma grande e immensa canção? E' logico que sim! Porque, afinal, Sharon Lynn é mesmo, o typo da pequena que sempre diz tudo cantando...

"Handfull of Cloud", da Warner, Lew Ayres, no principal papel e Dorothy Mathews no principal papel feminino. Archie L. Mayo dirige o film.

"Captain Applejack", que a Warner está fazendo, com Hobart Henley na direcção e artista Kay Strovzi, no principal papel, ainda tem Mary Brian, John Halliday e Alec B. Francis em outros papeis.

"War Babies", a nova comedia de Buster Keaton, para M G M, que Edward Sedgwick está dirigindo, com Sally Eilers, como "leading", tem uma grande novidade, ainda. Marca a volta de Frank Mayo aos films. Lembram-se delle, que, na Universal, tantos e tão bons films fez? Cliff Edwards, Pitzi Kattz, Victor Potel e Edward Brophy, completam o elenco.

"The Last Parade", da Columbia, reunirá, novamente, Jack Holt e Ralph Graves em um film. A direcção caberá a Frank Capra, ainda.

O proximo film de William C. De Mille, para a M G M, será "The Passion Flower".

Marcel De Sano, agora, é um dos principaes directores da Paramount, no seu departamento francez, em Paris.

Al Rogell, que tantos films dirigiu com Ken Maynard, Jack Hoxie e Reed Howes, acaba de formar companhia propria, sob o nome de "Rogell Productions Ltd". e fará a distribuição dos mesmos pela Tiffany.

A Academia de Artes e Sciencias do Cinema, de Los Angeles, acaba de conferir a Mary Pickford e Warner Baxter, os titulos de melhores artistas do Cinema, durante 1929. E, ainda, a Franck Lloyd como melhor director, pelo seu trabalho com "Divina Dama". Cedric Gibbons foi tido como o melhor director artistico, Clyde De Vianna como melhor operador e Hans Kraly como melhor scenarista. Confere?

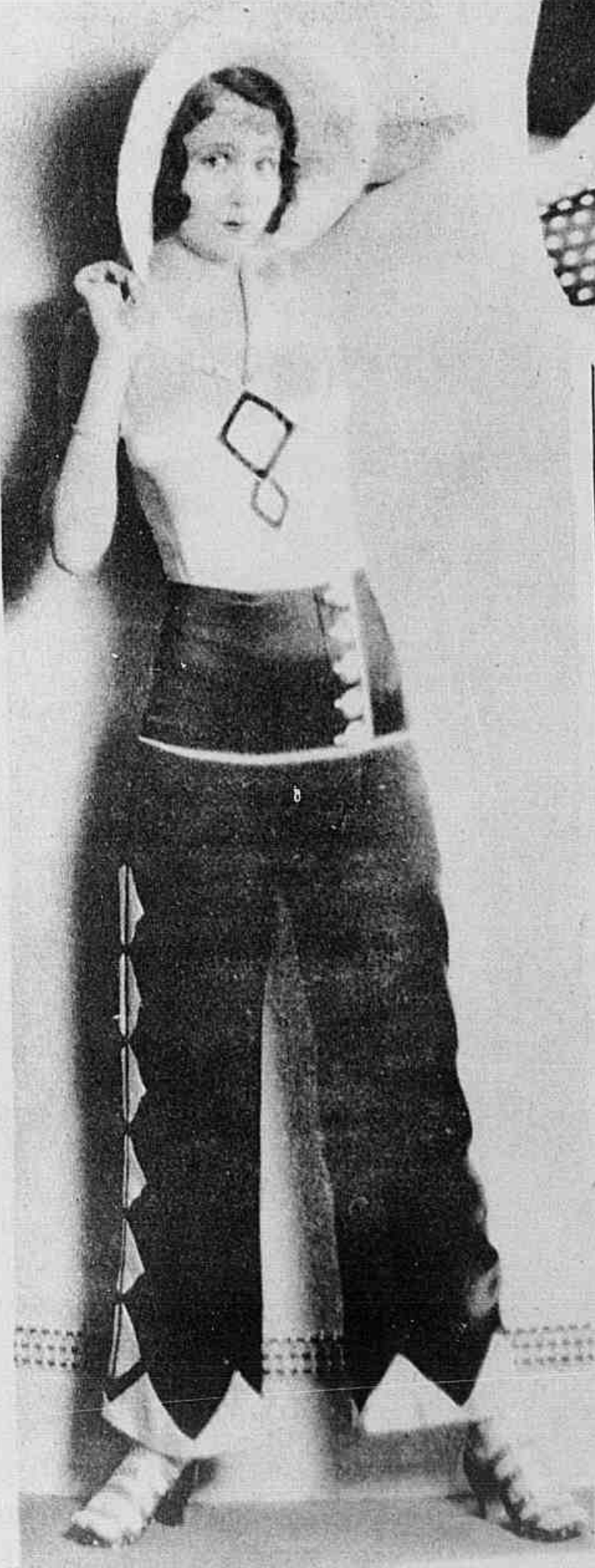
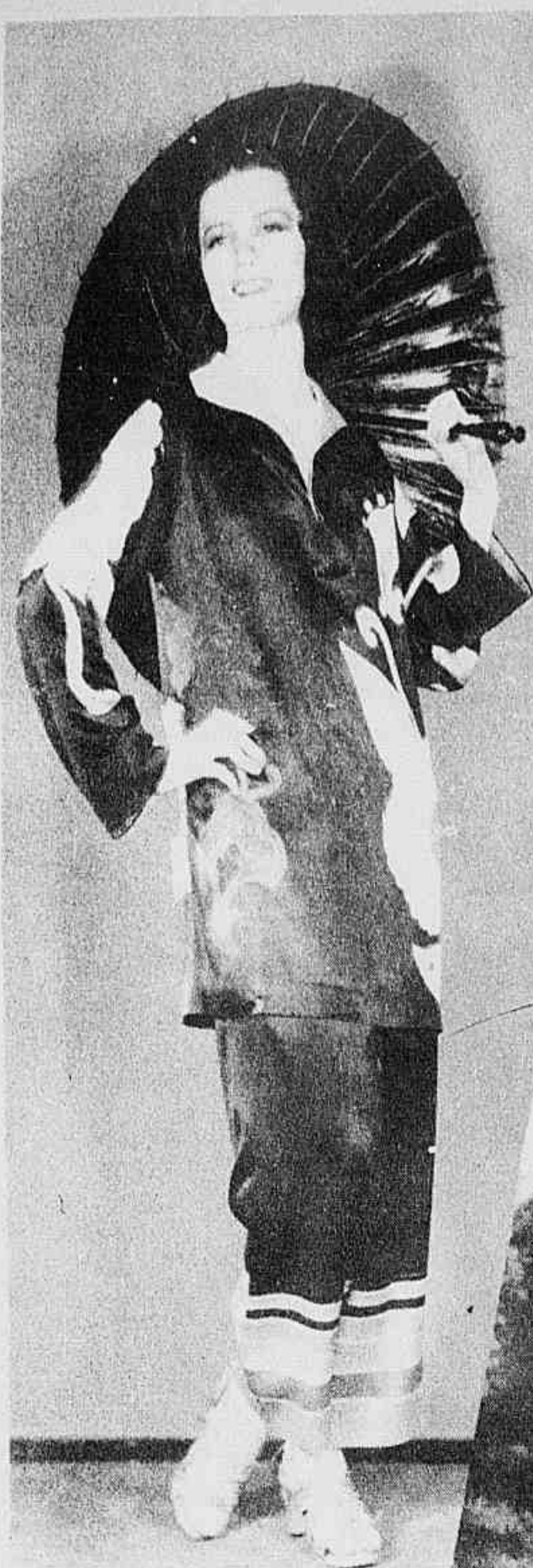
Harry Langdon está prestes a assignar um contracto de longo termo com a Fox Film.

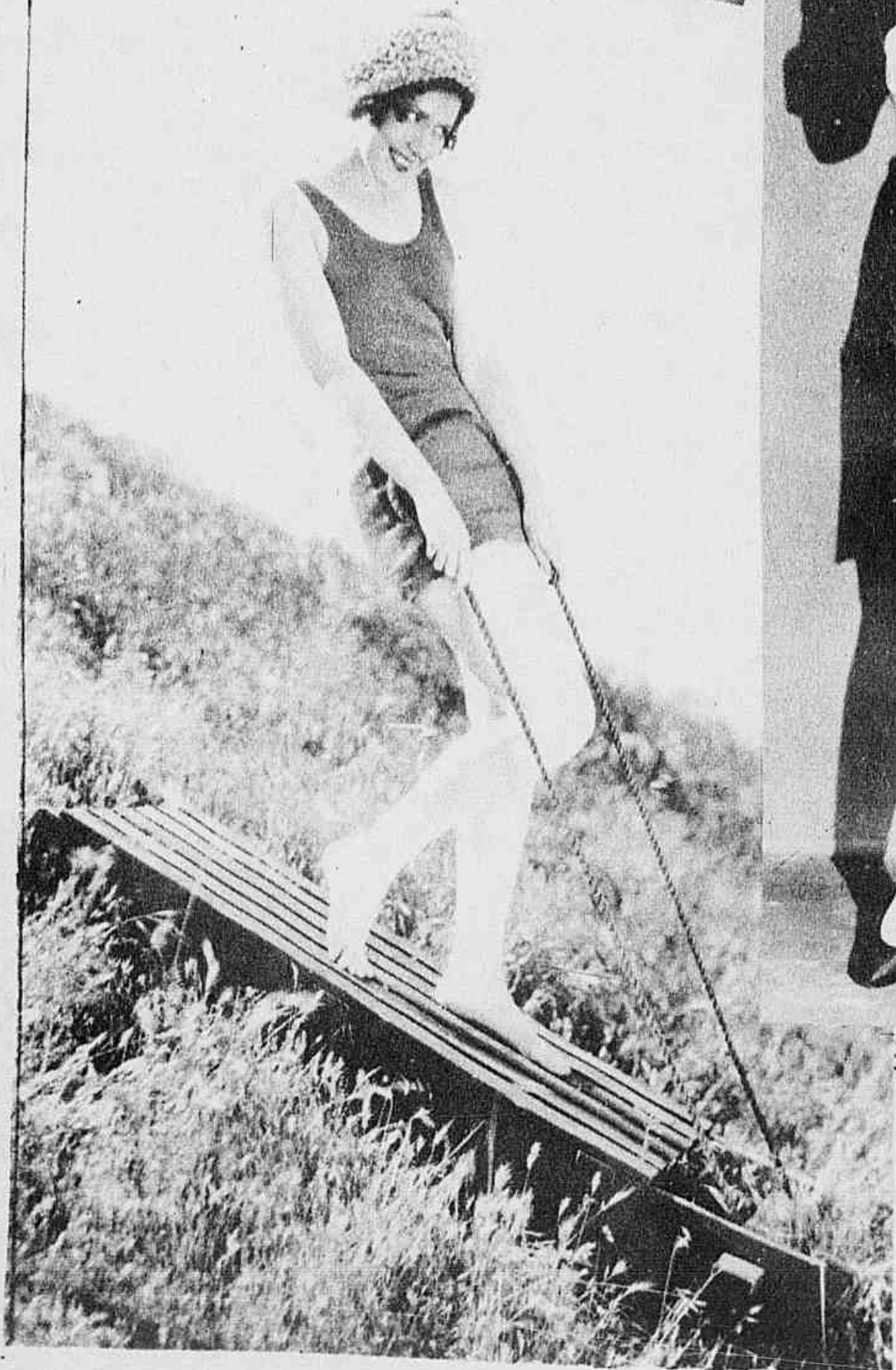
Wilfred Lucas, nosso conhecido de tantos films da velha Triangle, é, agora, consultor de dialectos da First National. Qual! Positivamente o Cinema está virando uma comedia!

Marie Saxon, que já fez alguns films para a Columbia, acaba de assignar contracto com a Fox Film.

Madge Kennedy, daquelles velhos films da Goldwyn, está contractada pela Paramount.

W. C. Fields, que fez algumas comedias com Chester Conklin para a Paramount está, agora, com a Radio.

"The Big Fight" de John Gilbert, será o proximo film da Metro Goldwyn. Jim Tully, neste film, tem papel importante...

Doris Hill

VOCÊ GOSTA DESTE PIJAME? NEM EU.

ENGRAÇADINHA, NÃO E'?

"CINEARTE ALBUM" DE 1931 JA' ESTA' SENDO PREPARADO

OLYMPIO ALVES — (Baurú) — 1º — Helene Costello. A primeira, era Pauline Garon. 2º — Didi Cinédia Studio, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. 3º — Armida, Warner Bros. Studios, 5842, Sunset Blvd., Hollywood, California. 4º — Enviam, sim. E' que ás vezes demora um pouco.

EDU PAULISTA —, (São Paulo) — Tem razão. E eu ando com muita vontade de assistir o film. A critica tem sido muito elogiosa, não? Mas o film tem feito successo! Mas ainda havemos de vencer a babel que seja, com tenacidade e constancia! Continue sempre enthusiasmado, Edu.

DELGADA — (Porto Alegre) — Francamente, Delgada, a sua carta aerea deixou-me no ar. Frederico... Mas é tão vago! Não sabe nem o começo do sobre-nome? Frederico e Guilherme, na Allemanha, é a mesma coisa que José e Antonio, aqui... Não sei se isso é desilludil-a. Mas não acha que tenho razão? O que significa a sua reticencia no *disto?*...

Edmund Lowe e Yola D'Avril em "Born Reckless"

FEARFULL — (Rio) — Naturalmente porque foi para *Cinédia Studio*. Eu já pedi ao Gonzaga que inutilazasse todas as cartas que para lá fossem. A correspondencia para mim, Operador, deve vir toda para Travessa do Ouvidor, 21, ou, então, para caixa postal, 880. Elle é casado, sim. Com uma mexicana que é, aliás, intima amiga de Dolores Del Rio.

PHILO' FIGUEIREDO — (Rio) — Não seria possivel enviar-me uma photographia?

HUMBERTO — (Ceará) — Creia que tudo é mantido na maior elevação moral possivel. Os escrupulos justificam-se. Mas, sabe, são sempre errados. Ha, como em todo elemento, más figuras. Mas, quando notadas, são immediatamente afastadas do meio. Disto pode estar certo. Estando aqui, é logico, as facilidades serão innumeras. Recebi e archivei. Li, tambem. Pois, quando vier, procurenos.

ROLANDO — (Estancia) — A questão de publicidade não é como pensa. Em semanas um nome já supplanta o outro... Se pode? Ora... Aguarde e faça a comparação... As suas considerações são razoaveis, aliás. Mas, apesar disso, tambem ficou tudo em ordem e perfeitamente harmonico. Volte, Rolando!

NILS NORTON — (Porto Alegre) — Pois se está ansioso, vae se fartar, dentro em breve... *Caixa?*... O que é? Seria, de facto, Nils, muito interessante se enviasse um exemplar. E' difficil? Pois mande-me a photographia para ver. Pois quando tiver a occasião de me ver, averiguará se sou ou não sou velho...

DE SAINT ROMAIN — (S. Paulo) — Viva! Então, como foi de passeio? Annotei os seus commentarios. Era um terno que elle fez ahi e ahi usava, antes de embarcar. O negocio do syndicato "barrar", é mentira. Como esse *boato* muitos outros se têm já espalhado. Mas nada se sabe ao certo, ainda. Já sabia de tudo isso. Pois mande a *carta diario* quando quizer.

ALWEHO — (Ilhéos) — Vi, sim. Aliás eu já sabia disso ha muito tempo. Não vae ser lá exhibido, não. Houve opportunidade, mas falhou por não se ter uma copia á mão. Achei interessante a sua comparação... Aqui vão as respostas. 1º — Uns 60, mais ou menos. 2º — Principaes? Como? A lista toda, para dar aqui, é muito grande. 3º — *Dansa das Chammas*, e, depois, outro que ainda não tem titulo. 4º — Pretende produzir. 5º — *Labios sem Beijos* e *O Preço de um Prazer*.

WESMINGOS — (Sorocaba) — E'. Elles estrillam, mas afinal, nesse ponto não têm razão alguma! Annotei as suas informações. Grato. Volte, Wesmingos.

PERGUNTE-ME OUTRA...

BEM AMADO — (Bahia) — Se não teve resposta, é porque não recebi a carta. Eu respondo a todas! Se assim sahiu, era porque tivemos essa informação dahi da Bahia! No entanto, annotei as suas informações. Grato. 1º — e 2º — *Cinedia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. 3º — *Alvorada de Amor* e *O Bem Amado*. Pode mandar o que quizer.

BICO DOURADO — (Santos) — O Studio mudou de nome, por causa da confusão que fazia nas correspondencias de lá e daqui da redacção. Por especial coincidencia, o numero tambem passou de 16 para 26. Ahi a explicação das duas mudanças. E' *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro, sim. Não tenha medo que não assusta, não. Mande. Preferimos, geralmente, aquelles que estão dentro dos papeis que possam ter, nos argumentos em filmagem. Mande photographia. Se é facil, não sei. Mas se conseguir o emprego, sempre será facil, é logico. Elle se chama Hellison Drummond, no Cinema, Elie Sone. Pode-lhe escrever para Cataguazes, aos cuidados da Phebo Brasil Film.

MISS CINEARTE — (Recife) — Bôa idéa, Miss! Vejo que tambem é uma enthusiasta e isto muito me alegra. Está na Metro, sim. O endereço é esse mesmo. Parece que está parada, provisoriamente. O ultimo film que fez, foi com George Bancroft, para a Paramount. Você acertou na idade delle, sim. Ao Barry pode escrever em Brasileiro, mesmo, que elle ha de comprehender. Bravos! Palavra que eu ainda hei de um dia ver esses albuns todos... Volte, Miss!

ENRI — (Rio Grande) — Como vae? Nós aliás já haviamos commentado essa desigualdade de nomes. Mas era habito antigo do Programma Matarazzo... Annotei as suas informações. Então ainda não viram *Aurora*. *Irmãos na luta, rivaes no amor*. *Mare Nostrum, Furia*. *Lamina do Combate*. *Tentação*. *Ultima Gargalhada e Ouro e Maldição?*... Com effeito! Sua suggestão vae ser considerada... O tal da vanguarda esfriou um pouco, tem notado? Tem razão. Serio quando dorme... Ainda não o li direito. Mais acima está o verdadeiro nome de Ely Sone, por exemplo... Volte sempre, Enri!

RUTH ROULIEN — (Porto Alegre) — Então, não era curiosidade? 1º — Sim. 2º — Foi dansarina numa peça, apenas. 3º — Decio Murillo, Nally Grant, Ivo Morgova, Roberto Zango e mais alguns dos films ahi do Sul. 4º — Sim. E, por signal, tem recebido tantas. 5º — Ha muito tempo! E você, Ruth, quando virá de novo?

ARISTIDES — (Rio) — Pois deixe de preguiça! Ainda ha de ter e muitas cousas, ainda... Não é preciso. Eu já tenho e já está no archivo, por signal. Por emquanto é pouco difficil. Mas lá para Agosto será possivel. Já sarou? Estimo. Console-se e tenha paciencia. Um dia será o seu, Aristides. Vão bem, obrigado. Já tem sido vista, sim. A questão, toda, é adaptação ao papel. Receba a benção e siga sempre os conselhos do vôvô, ouviu?

LUDWIG — (Parahyba do Sul) — Quanta honra! Não se commova tanto! E, amigo Ludwig, deixe os dedos em paz e vamos ao que serve! Então o Cinema dahi é detestavel? Esse negocio do predio ameaçando ruir é serio e, se assim é, devem tomar uma providencia! Porque não fazem um requerimento á Municipalidade dahi? Absolutamente. Você vem ao encontro das minhas opiniões! Bem observada a sua opinião. Não é dinheiro que falta, não. O que faltou, sempre, foi orientação certa. Agora, tudo está indo ás maravilhas e em breve você terá bôas surpresas! Seria erro misturar industriaes e productores, neste meio, porque a cousa é completamente outra e isto só traria difficuldades. Escreva em allemão, sim e para a Ufa, Berlim, Gostaria. Gostaria que eu conhecesse graphologia?

NETINHA MAIS NOVA — (S. Paulo) — Bravos! Você está ficando constante! Assim acaba, mesmo, a netinha *caçula*... Não amola, não! Então quer que queira um *pouquinho mais?*... Vamos ver... Não se zangue. Aquillo era brincadeira. Eu sei que você é muito bôazinha... "a la" Clara Bow... Faz bem. A curiosidade é um vicio que as netinhas bôazinhas não devem ter... Adeus, netinha do coração.

PAULO ENGRACIA DE FARIA — (Ribeirão Preto) — Pode enviar, sim. Envie para a redacção, mesmo. E' até possivel, mesmo, que o seu ideal se realise. Quem sabe?

RAYMUNDO RIBEIRO DE SOUZA — (Rio) — Muito bem. Aqui está a sua photographia. Vae ser archivada e, depois, na occasião opportuna, será chamado. Leia sempre esta secção.

JOSE' MAUBREGADES JR. — (Pelotas) — Sua carta foi-me entregue. O endereço é *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Ella envia, sim.

PEPITO — (S. Paulo) — Se tem vontade, porque não experimenta e manda o seu retrato? Aqui os endereços. Os 4 primeiros, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. O ultimo, aos cuidados desta redacção.

LORY DE VAL — (Rio) — Pode mandar, sim. Quando quizer.

Scena: — O escriptorio de B. P. Schulberg. Elenco: — Mr. Schulberg e Jean Arthur. Argumento: — Mr. Schulberg chamára Jean Arthur, com o proposito de a censurar.

Gente correcta. Tanto elle, como ella. Mas... Uma cousa nada tem com a outra. Porque, sabe-se, gente correcta, discute e briga correctamente, tambem...

Geralmente Mr. Schulberg não censura ninguem. Mas as reclamações de diversos directores. Operadores. Productores. Diziam, todas, que Jean Arthur era lindissima.

Mas que era fria e sem emotividade alguma.. Que fazia as suas scenas sem ardor algum...

Portanto. O assumpto, segundo parecia, seria um só. Elle conversaria com ella pouquissimo. O sufficiente para a dispensar do cargo que occupava... Sem duvida, um negocio serio. E Mr. Schulberg, excellente diplomata, sentia-se constrangido...

Com as suas melhores maneiras... Esperou que ella as recebesse sorridente e terna... E, mesmo, que sorrisse, polidamente, e, depois, que se retirasse em perfeita ordem.

Mas Jean Arthur não agiu assim...

Bem ao contrario...

Gritou mais do que um gato em noite de insomnia...

Argumentou com mais violencia do que vinte Pola Negri...

Sentou-se na secretaria. Gritou. Chorou. Nem lagrimas sociaes. Nem lagrimas de grande dama. Lagrimas de odio e de desejos de vingança... Parecia maluca. Disse ao pobre Mr. Schulberg que elle pouco ou nada sabia do que estava dizendo. Que ella, ao contrario, sabia representar, perfeitamente. E que o erro era dos que não lhe queriam confiar reaes papeis... E que, até aquelle instante. Ella, pobrezinha, nada mais fizera. Mesmo. Do que se sentar e olhar e sorrir e tornar a olhar e tornar a sorrir... E que por mais que affectasse suavidaguia... Mr. Schulberg, homem sabio... Olhava-a. Silencioso. Via-a representando aquelle papel expontaneo. Genioso. Violento...

Na sua casa pequenina. O seu piano. A sua poltrona...

E, assim, em poucos minutos, aquelle escriptorio se transformou em ambiente de temperamentabilidades... Naturalmente, não do primeiro accesso... Mas, sem duvida, de um dos menos esperados...

Elle quiz falar. Mas as suas palavras morreram, todas, antes de nascer... Sendo juiz de representação. Tendo criado a vocação artistica de Clara Bow. E tendo-a feito o que é, hoje. Tendo elevado Ruth Chatterton aos maiores triumphos em seus films. Elle conhecia, por força, alguma cousa de possibilidades dramaticas e temperamentaes de futuro, para a sua fabrica...

Elle estava ali, impassivel e calmo. Apreciava a acção de Jean. Ella, nervosa, caminhava. De cá para lá. De lá para cá. E, em poucos segundos, elle verificava que todos que se haviam queixado della... Não a tinham devidamente aproveitado, mesmo... Fria? Sem fogo? Acanhada? Qual! O que seria, então, um gato selvagem?...

Em segundos elle a mandou calar. E ella se calou. Para esperar a sentença, naturalmente... Disse-lhe elle, rapido, que regressasse ao seu trabalho. E que aproveitasse o resto do seu impeto de genio diante de uma camara qualquer... E lhe disse, para terminar, que, se ella se fosse. E, diante do "mike", exhibisse todo o seu genio. Tal e qual como elle ali tinha visto. Que podia socegar que ninguem mais a viria accusar de cousa alguma...

—oOo—

Essa mesma noite,

...lembro-me, como se fosse hoje, de uma tarde em que entraram, pela nossa casa a dentro, Jean Arthur e Charlie Paddock. Logo ao cabo da primeira conversa, eu lhe disse que ella era uma bôa menina. E, lembro-me muito bem da sua resposta.

— Não é verdade. Não me ponho entre as meninas de juizo. Sinto-me com uma disposição estranha para fazer o mal... E, creia-me, peor ainda sou quando tenho dôr de dentes... E, saiba, esse negocio de ser menina bôazinha, arruinou-me, completamente! E, afinal, quem é, mesmo, que se interessa, hoje, por uma pequena. Seja ella bôa ou não?...

— Eu!

Disse Charlie.

— Vamos! Deixe disso! O que é que você tenta fazer assim que se encontra com uma pequena? Naturalmente prejudical-a, não é? E, assim, se você a achou bôazinha, meu caro, porque interrompe o seu caminho para a tornar mázinha?...

Apesar disso tudo, Jean é e continua sendo uma excellente pequena. Com algum genio. Com algum impeto. Mas, em geral, uma esplendida companheirinha e uma soberba amiguinha.

— Eu bem sei que não posso competir com todas essas bellezas de agora, sei!

Disse-me ella.

— Não me posso comparar a Mary Brian ou Jeanette Mac Donald. Nem mesmo a Joan Bennett ou outra qualquer, neste genero. Mas eu garanto uma cousa. Sei representar. Farei, tenho certeza, qualquer caracter que me queiram dar. Mesmo o de uma velha. E, mesmo, sempre considerei os papeis caracteristicos mais interessantes. Tenho fé em apanhal-os. Embora saiba que, caracteres, no Cinema, são difficeis. Por causa da lei dos typos.

A primeira opportunidade que Jean teve, no Cinema, foi com um contracto que lhe offereceu a Fox, ha annos. Era um longo contracto e offerecia possibilidades de sensivel melhora. No emtanto, apenas approveitando-a em comedias de dois actos, não tentaram, ao menos, um pequenino papel serio com ella. E, ao cabo do contracto, deixaram-me ir sem mesmo uma pequena satisfação. Andou ella *free lancing*. Por ahi Por ali. Acolá... E, depois, conseguiu uma cousa melhor em *O Arara Quéra*, da First, com

(Termina no fim do numero).

Jean tem muitos livros. Toda a collecção de Charles Dickens. Mas estou certo de que Jean prefere os livros da vida...

junto a diversos directores. Scenaristas. Assistentes e o diabo. Explicou-lhes elle, em synthese, que se haviam enganado, todos, em relação a Jean Arthur. E, como consequencia, contou-lhes a scena que tivéra com ella...

Resultado.

Immediatamente, no papel seguinte, Jean Arthur, de cara, roubou um film de Clara Bow. *Uma Pequena das Minhas*. Fazendo, admiravelmente, um papel de pequena geniosa e temperamental...

Logo depois, com Charles Rogers, roubou o seu film, *Half Way to Heaven*.

E, logo depois... Ganhou um contracto esplendido. De cinco annos. Novinho e bem melhor do que aquelle que tinha e que quasi perdera, tambem...

—oOo—

O caso de Jean Arthur, explica-se em poucas palavras.

Nascida de gente humilde, começou ella a sua carreira, humildemente.

Educou-se a sua custa. A custa do seu proprio esforço. E, assim, com aquelle eterno temor do humilde, nunca se revoltara contra nada e, ganhando o nome de bôazinha, estragava completamente a sua carreira. Foi por isso que todos estranharam aquella sua attitude violenta. Mas, era natural. Tanto tempo suffocaram o seu verdadeiro instincto que, expontaneamente, um dia elle brotou.

No Studio diziam que Jean Arthur era fria. Historias! olhem o resultado quando ella fica algum tempo de algum material combustivel...

Myrna Loy

NÃO E' PRECISO NEVE, MYRNINHA

Napoleão e Christo vistos por Charles Chaplin

As duas personalidades que mais desejo viver num film são Napoleão e Christo... Ha annos já, todos sabem, morro de vontade de encarnar a figura de Napoleão. Muito antes de concluir o *Circo*, os jornaes annunciaram que o meu primeiro film seria consagrado a Napoleão e já haviam dito a mesma coisa depois da apresentação da *"Em busca do ouro"*. Mas ha de chegar o dia.

Em mim não será tanto o artista que se sentirá bem dentro das roupas do Imperador dos Francezes, e sim o apostolo. Quero, exhibindo Napoleão tal como o concebo, apagar do pensamento de uma chusma de creaturas a figura tradicional, "artistica" e absolutamente falsa, que o habito as fez aceitar. Não interpretarei Napoleão como poderoso general, mas como um sêr definhado, taciturno, quasi melancolico, continuamente estimulado pelos membros da familia. A familia de Napoleão e em particular a mãe, Loetitia Ramolino, teve uma posição de destaque na conducta da sua existencia. Não posso deixar de ver com certo humor os esforços delle para casar bem os irmãos e as irmãs e tambem os enteados, com o fito de assegurar as bôas relações com a mãe e a mulher e ganhar, ao mesmo tempo, algumas guerras. Quantos effeitos dramaticos não se podem tirar de tudo isso? Está claro que não farei delle um burlesco, mas quero mostrar, antes de tudo, as difficuldades domesticas que o preoccupavam e o trabalho que tinha em se desempenhar de tudo e manter a paz na familia.

Uma das passagens da sua vida que mais me interessa é a do rompimento com Josephine. Vejo tudo claramente. Primeiro, o Imperador chama-a para pedir-lhe que se afaste — ella, a Josephine que o ajudára, que acreditára nelle e o empurrára para a frente. Um pouco mais tarde, no palacio, a ultima noite, ella conta lentamente as horas, os minutos, procurando guardar uma lembrança viva de tudo que lhe era familiar. Quando chega o instante da partida, vejo-a abrigando-se na capa, caminhando vagarosamente dentro da noite, subindo para o carro, desapparecendo. Noutra scena, ella toma conhecimento, pelos tiros de canhão, da vinda ao mundo de um filho de Napoleão e conta, impaciente, os tiros para saber si foi um varão que nasceu.

A historia dramatica de Napoleão não póde deixar insensiveis nem mesmo os que detestam o personagem.

A volta da ilha de Elba, a reorganização do Exercito, a marcha sobre Paris a velha guarda enthusiasmada se atirando para elle, as bandeiras desfraldadas, as ovações, o despertar bellicoso Mostrarei por exemplo, um veterano cégo de um olho, com uma perna de pau, um braço de menos, precipitando-se na estrada e gritando: "Eis o Imperador que volta! Napoleão marcha sobre Paris! Impeçam-o de continuar! Matem-o antes que de novo corra sangue!" Então farei apparecer o exercito crescendo, o pequeno Corso na frente, a musica tocando a *Marselheza* e, ao passar diante do veterano enfermo, Napoleão sauda-o. E o velho guerreiro emocionado, atira o chapéo no ar e com lagrimas de alegria, se junta aos batalhões e marcha sobre Paris.

Tenho uma enorme quantidade de notas neste genero sobre Napoleão, para assumpto do film. Mas o scenario não está escripto. Quando realizarei o film?...

Ha uma outra personalidade que desejo modificar no espirito das massas, é Christo. Estudei demoradamente a *Biblia* e innumeras obras sobre a religião catholica. Conheço tambem quasi todas as crenças. E acho que a figura mais forte, mais dynamica, mais imponente que já existiu, foi terrivelmente deformada pela tradicção. Elle não era esse homem longinquo, de longos cabellos, vestido com uma tunica branca, como ninguem usava em torno delle, falando com uma voz sepulchral e um ar excepcionalmente enfastiado e deprimido. Procuram fazer-nos acreditar que elle tinha uma attitude peor do que a do Hamlet de Shakespeare, por que? e por que apresental-o inevitavelmente como um agonisante, humilhado, desejoso de inculcar o temor nos corações?

Não me impedirão de consideral-o como um homem esplendido, viril, sangue forte, para o qual voltamos instinctivamente quando estamos em difficuldade. Eu o desejo natural, real, humano, a força personificada pela carne e ao mesmo tempo um espirito poderoso. Era um homem que comia bem, bebia bem e gostava da companhia dos seus semelhantes. A sua apparição em qualquer meio devia immediatamente espalhar o bom humor e a alegria. Comprehendo-o num grupo, dizendo á sociedade reunida: "Comamos, bebamos e sejamos alegres!"

Era um homem mais forte do que os seus contemporaneos, magnifico, cheio de vida, com o poder de dominar todo o mundo e todas as coisas, em qualquer circumstancia.

Não creio que Poncio Pilatos tivesse tido a intenção de mandar matal-o quando o chamou á sua presença. Pilatos ouviu a accusação e perguntou: "Que devo fazer deste homem?" E algum imbecil, da multidão, gritou: "Crucificae-o!". A palavra foi repetida e repetida por todos e a assembléa lançou o seu veredictum. A psychologia da massa arrebatou-a e Jesus foi sacrificado sem razão apparente.

Si eu pudesse produzir um film sobre a historia de Christo, havia de mostral-o acolhido com delirio pelos homens, as mulheres e as crianças; todos se atirando para elle para sentirem profundamente o seu magnetismo.

Mas não creio que venha algum dia a filmar uma vida de Christo. Póde-se imaginar que tempestade isso desencadearia nos Estados Unidos!

Lamento enormemente não poder filmar uma historia de Christo, mas a religião christã ainda deve lamentar mais. O meu film prestaria um serviço formidavel, ensinando que Jesus era digno de ser amado e realmente bello de caracter e bello physico.

Vi uma vez Christo representado num film. Tinha o aspecto de quem soffre de uma molestia de estomago. Era horrivel e ridiculo. Sahi do Cinema cheio de colera.

O—O—O—O—O—O—O—O—O

Edward G. Robinson, que já figurou com Vilma Banky em "A Lady to Love", foi contractado pela Universal.

⊞

"Grumpy", da Paramount, será refilmado pela mesma companhia, com Dorothy Arzner dirigindo e Richard Arlen e June Collyer nos principaes. O papel que Theodore Roberts teve, na primeira versão, será interpretado por Cyril Maude, um "notavel artista de theatro inglez"...

⊞

A United Artists fará uma versão toda falada de "Resurrection", com Dolores Del Rio outra vez no papel de Katuska Maslowa...

⊞

Albert Conti figurará em "Madame Satan", de De Mille, para a Metro Goldwyn.

⊞

Ruth Roland iniciou a filmagem de "Reno", da Sono Art. George Crane dirige.

Dorothy Mackaill

APPARECEU COM O "MILAGRE DA ROSA". NÓS TODOS GOSTAMOS DELLA. ELLA TAMBEM GOSTOU DE NÓS... E FICOU NO CINEMA.

A Estrella é uma Operaria

"Sou simplesmente uma operaria, declara Billie Dove, e o meu trabalho no Studio é o mais arduo dos labores. Dias e dias ha que vou de oito a quinze horas, e isso sem falar na attenção que devo dar á minha casa. Ouço frequentemente muita mulher se queixar do estafante trabalho domestico, mas representar no Cinema não é tarefa menos fastidiosa".

Quem diria! Estafante o trabalho de Cinema! E quanta gente vive a sonhar com um logarzinho no "screen", seduzida pela apparencia de esplendores e, certamente, por, uma possivel existencia perfumada de romantismo e de amores.

Billie Dove, no emtanto, affirma que a rota de um astro no firmamento cinematographico é feita de trabalhos e penas; e visto que á sua palavra não falta, sem duvida autoridade, é o caso de pensardes, maduramente, ó joven leitora, si vos seduz a miragem da téla. Depois, poderá ser tarde.

"Ha tanta coisa que meditar, explica Billie Dove, quando consideramos o duro trabalho e as qualidades physicas que a profissão cinematographica exige de uma pessoa. Assentei como norma de vida dormir todas as noites oito horas, sem interrupção; nem festas nem quasquer divertimentos á noite perturbariam esse regimen. Pois o trabalho do Studio obriga-me frequentemente a infringir essa regra. Tenho, por vezes, permanecido deante da camara e do microphone e sob a luz exhaustiva e offuscante do Studio durante quinze horas a fio. Ao voltar á casa, sinto-me exggotada. A minha vontade, em taes momentos, era nunca mais pôr os pés no Studio. Deante disso concordareis, talvez, commigo que ha muito de penoso na manufactura desta Hollywood, cuja exportação consiste de celluloide impresso e discos synchronizados.

"Temos em seguida o trabalho, que podemos chamar "conservação" do posto de estrella, e prosegue Billie, aventuro-me a dizer que não fazeis idéa do que pretendo com isso exprimir. Uma estrella de Cinema — refiro-me ás estrellas femininas, já se vê — deve ter exacta noção dos cuidados que é preciso dar a essa "conservação", sempre que se encontrar deante do espelho, pois quando surgem as rugas a Encantadora Fada deve tratar de arrumar as malas. E não constitue uma outra modalidade do labor fastidioso da artista, esse continuo esforço de manter escorreita a compleição, fulguentes os cabellos e as carnes firmes?

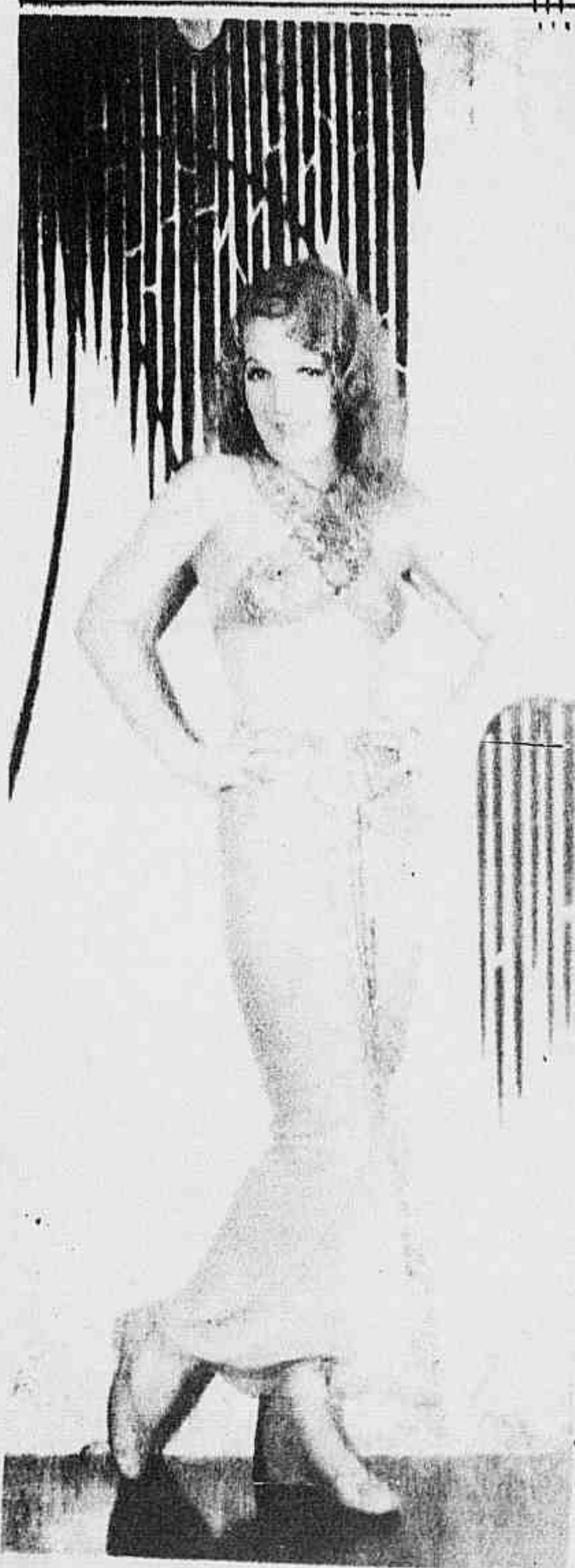
"Os exercicios são indispensaveis. Ao levantar-me cada manhã, executo a serie habitual de flexões — uma duzia ou duas, talvez — inclusive o simples movimento de dobrar o corpo e tocar a ponta dos pés com os dedos da mão. Depois, um banho de chuveiro e toca para o Studio. Ao regressar, exhausta do trabalho, antes de dormir, estiro-me no leito e realizo o que chamo "um passeio de bicycleta". Faço isso deitando-me de costas e elevando ao ar as pernas e os quadris, imprimindo áquellas um movimento rotativo, como se estivesse pedalando uma bicycleta. Isso me desenvolve os musculos das pernas e conserva os quadris flexiveis e ageis".

Terminada essa gymnastica, Billie assevera que uma pessoa sente-se, em regra, fatigada bastante para mergulhar num profundo somno reparador, a não ser que tenha falas a decorar para o trabalho do dia seguinte. Outro capitulo que se inscreve na cathegoria dos trabalhos de uma artista da téla é a correspondencia dos "fans". Hoje ninguem ignora que nem todas as estrellas respondem pessoalmente aos seus missivistas; mas com Billie Dove não é assim. Ella não confia a outrem esse mister, e na sua propria machina de escrever redige todas as respostas. Billie é das que acreditam no traço individual. A pessoa que faz a estatistica dessa correspondencia, jura-nos que Billie Dove recebe annualmente 500.000 cartas de "fans". E Billie responde a todas pessoalmente. Penoso esse trabalho? Sem duvida. Mas Billie declara que isso lhe dá prazer. No tempo que lhe sobra, ella pratica a pintura e cultiva tambem um pouco a musica, dando a sua preferencia ao piano.

Não são, egualmente, de menor consideração as occupações domesticas de uma estrella do "écran", e Billie Dove leva isso muito a serio. Foi ella quem desenhou a maior parte e deu a idéa geral para a installação da sua linda casa, collaborando tambem na composição do respectivo mobiliario de bello estylo moderno. Os seus criados informam que ella é muito exigente em materia de asseio, não escapando aos olhos da patrôa a menor particula de poeira. Billie fiscaliza o trabalho de cada um, exigindo serviço bem feito de todos.

A parte culinaria não fica esquecida, sendo ella, ao que se diz, quem determina pessoalmente a compra dos generos no armazem. Billie é meticulosa a respeito da sua alimentação, que é, como se sabe, a base da bôa saude. O pequeno almoço da manhã constitue a sua principal refeição — servida ás 7 horas para que ella não chegue atrazada ao Studio. "Fruit juice", uma fatiazinha de assado, torradas com manteiga e leite quente compõem o "menu" desse repasto matinal. Para o almoço — habitualmente feito no Studio — ella prefere uma salada de frutas ou de vegetaes temperada com azeite. O jantar, á noite, é uma refeição sobria: uma sôpa, uma costeleta, uma salada, uma fruta qualquer. Em materia de doces a cozinheira da estrella nunca se atrapalha, pois Billie refugia as pastellarias... por causa da conservação physica!

(*Termina no fim do numero*)

Vivienne Segal

VIVIENNE,

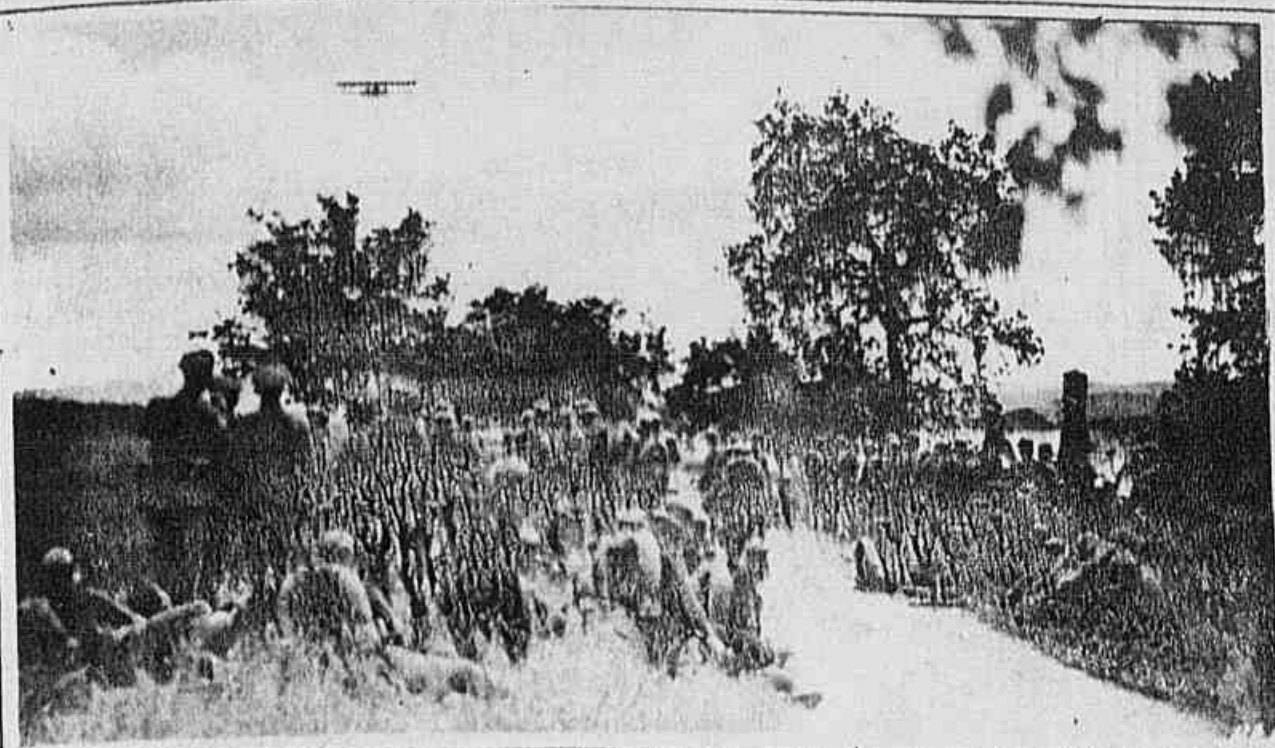
mamãe não quer

que eu me

case com

você...

Algumas scenas de "Hell's Angels"

Tres annos para fazer um film

A sciencia diz que todas as cousas têm seu fim.

A sciencia mente. Porque "Hell's Angels". O film que a Caddo está produzindo, parece que não acaba mais...

Howard Hughes, o dono da fabrica, um millionario divertido, diz que acaba. Elle até parece que está brincando... Já chamaram o film de "producção perenne". Já disseram que aquillo é que é o verdadeiro "motu-continuo".

Mas, parece, está em vias de ser concluido.

Não é por falta de recursos que ha já muito tempo não está prompto. Porque o nosso Howard Hughes é millionario, repito. E', simplesmente, porque todo millionario é caprichoso e isto só pode, mesmo ser um capricho de millionario...

Piadas com este film já se fizeram tantas que até livros se poderiam encher com ellas... A ultima aqui vae.

O film iniciado quando ainda nem se sonhava com Cinema falado. Era para ser uma producção silenciosa. Depois vieram os "talkies". Foram-se aperfeiçoando. Venceram. Howard Hughes mandou parar tudo. E mandou começar de novo... como "talkie"...

Pois bem. A ultima piada é esta.

— Sabes, Hell's Angels" será concluida em breve. Mas... E' o diabo!

— Porque?

— Ora... Você sabe! A televisão está progredindo. A éra dos "talkies" daqui ha uns 10 annos passará... Não irá Howard Hughes fazer "Hell's Angels" em televisão?...

Já temem, outros, que esse se volte para o processo "grandeur". E, assim, são innumeros os que escrevem anecdotas em torno deste film que não acaba mais.

O facto é que ha tres annos que o film está para sahir e só tem servido, mesmo, para goso dos "fans" e dos interessados em contar piadas...

O seu preço, até agora, já anda em 4 milhões de dollares. E' provavel que nenhum film tenha custado tanto. Alguem já chegou a pensar que elle estava fazendo fita em série...

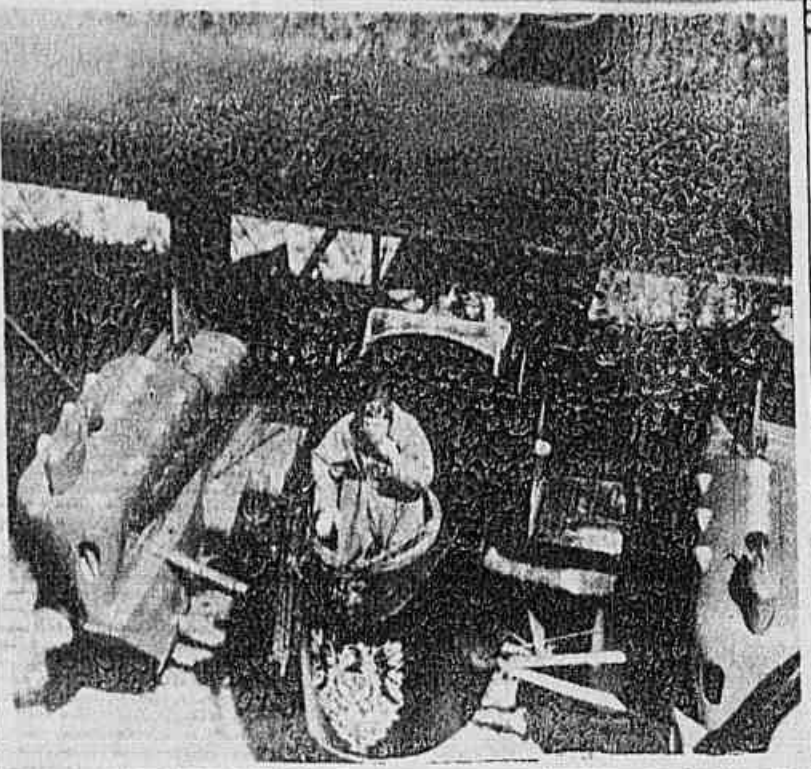
A Eastman Kodak C°., então, vae até dar uma medalha de campeão ao "comprador" Howard Hughes. Porque elle já consumiu 2 milhões, 254mil e 750 pés de negativo, até hoje...

36 mezes tomados para a sua realização. Se não apparecer mais alguma cousa que eleve a somma para 48 ou 56... Outro, record, portanto...

Foi escripto e produzido pelo tal millionario de que fallamos acima. E elle, praticamente, da vida, só conhece o verbo "gastar"... Experiencia tambem não tinha muita. E nem pressa. E nem economia...

Foi do seu bolso que sahiram os 4 milhões empregados até hoje na confecção do film. E' a cousa mais interessante que até hoje já aconteceu em Hollywood.

Para conhecer melhor a historia de "Hell's Angels", é preciso, antes, conhecer alguma cousa sobre Howard Hughes, o seu productor.

Elle nasceu em Houston, Texas. na noite de Natal do anno de 1904. Perdeu sua mãe aos 18. E aos 20 perdeu seu pae. Um millionario.

O orgulho de Houston é a Hughes Tool C°. Pertence á Howard, agora e é uma das maiores fabricas no genero em todos os Estados Unidos...

Rende-lhe, mais ou menos, 3 milhões de dollares annuaes.

Com a idade de 21 annos, Howard foi para o Oeste para procurar fortuna. Isto é. Empregar seu dinheiro efficientemente. Tendo deixado, antes, o seu endereço em Hollywood para que os seus auxiliares lhe enviassem, mensalmente, os seus lucros...

Seu tio é o popular novelista e ex-director de films, Rupert Hughes. Mas elle nada tem com a historia. Aqui foi posto para augmentar o tamanho do artigo, apenas.

Howard enthusiasmou-se immediatamente pelos films. E viu, claro, que era a industria mais rendosa do mundo. E lançou-se logo á ella financiando a producção do film "Everybody's Acting" que Marshall Neilan dirigiu. O film foi distribuido pela Paramount.

O film rendeu-lhe, immediatamente após o primeiro mez de exhibição, 50°|° de lucros. E elle viu, claro, que podia tirar, em poucos mezes, muitos outros 50°|° de outros tantos films. E foi assim que o novo Creso formou a Caddo Company. Caddo é o nome de uma das suas minas de petroleo. A que lhe rende mais. E, assim, lançou-se á producção cerrada.

Financiou "Two Arabian Knights", "Dois cavalleiros Arabes", com William Boyd, Louis Wolheim e Mary Astor. Um excellente film que fez enorme successo. E lhe deu verdadeira fortuna. Howard, no emtanto, é da theoria de quanto mais se gasta mais se colhe em lucros, após certo tempo.

Agora chegamos a "Hell's Angels". Que foi iniciado em 1927.

Diz a lenda... Que Howard Hughes comprou uma idéa de Marshall Neilan a peso de ouro. Não se sabe que especie de idéa era. Sabe-se, apenas, que elle já anda pelos 4 milhões de dollares e está custando como o diabo para vir á luz...

Dizem os antepassados... Que foi Harry Behn em collaboração com Howard que escreveu a continuidade. E, tambem, que Howard modificou muita cousa a seu criterio.

Começou elle emprestando, da Paramount, Luther Reed, um director. Luther, actualmente, tem feito um successo enorme com os seus dois ultimos films, "Rio Rita" e "Hit the Decks", ambos para a Radio. Luther podia ser beocio em aviação. Mas o facto é que já tinha sido redactor de aviação do "New York Herald"...

Mr. Hughes tambem emprestou James Hall, da Paramount e Ben Lyon da First National. Deviam passar apenas dois mezes fóra de seus Studios. No emtanto, coitados, continuam até hoje trabalhando no film... Dizem até as más linguas que, elles já se acostumaram mais com o film do que os artistas de theatro com as peças que fazem successo e percorrem mezes e mezes em cartaz...

Greta Nissen foi escolhida para principal figura feminina. E, em Outubro de 1927, dia 31, começaram as "cameras" a rodar.

Agora voltemos um boccado atraz.

Antes de se ter iniciado a filmagem de "Hell's Angels", a Paramount havia lançado, com successo sem par, "Azas", o seu film reputado o maior sobre assumptos de aviação.

O film foi feito com todo o cuidado. Custou caro e teve o auxilio efficientissimo de todo o exercito norte-americano e da sua esquadra aerea, tambem. E foi uma sensação.

Howard Hughes nem se abalou. Porque, dizia elle, tinha confiança absoluta no exito final garantido do seu film.

Para Howard nada era impossivel. Elle tinha mocidade e dinheiro para realizar. E não desanimou um só instante. Tem confiança no seu trabalho.

Em Janeiro de 1928, após algumas peripecias dramaticas, estava a parte dramatica do film concluida. Não se tinha tomado, ainda, uma scena só de aviação. O film era silencioso. Porque todos os outros o eram. Já se tinha gasto 400 mil dollares com elle.

Os assistentes de Howard achavam que elle estava gastando muito... Elle replicou, em troca, que o dinheiro era seu...

Elles se espantavam, naturalmente, porque nunca tinham visto o dinheiro rodar com tamanha facilidade... Mas seria mesmo muito dinheiro para um homem que tem a renda de 5 mil dollares por dia?...

A historia requeria aviões de guerra. Não existiam mais daquelle typo. Mr. Hughes queria-mos. E foram procurados Spads pelo paiz todo... Colleccionaram alguns Fokker allemães e gastaram um dinheirão com a

(Termina no fim do numero).

A TELA EM

Daniel Haynes, Nina Mac Kinney e King Vidor.

PALACIO THEATRO

ALLELUIA — (Hallelujah) — M. G. M.

O celebre film que King Vidor fez, todo com artistas de côr. O primeiro de *colorido* realmente natural... E o primeiro film com artistas sem "make-up"... O film pertence, sem duvida, á classe dos films bons. E', mesmo, em certos trechos. Obra classicamente King Vidor. E, é logico, consequentemente, classicamente magistral. Mas, em outros, nota-se o quanto têm soffrido os magnos do megaphone yankee com a voz que lhes entrou pelas obras de arte, a dentro...

Ha momentos, neste film, que, sente-se, King Vidor esteve preso ao microphone. A sua arte expontanea. Natural. Humana e real. Justamente por ser tão sincera. Naufraga, em certos trechos, diante dos dialogos. Diante da voz...

Que pena! King Vidor, com este film. Pelo qual se apaixonou, tanto. Faria a sua maior obra de arte. A maior! *A Turba* foi uma prova do seu talento. Mas *Alleluia* seria a definitiva consagração... No emtanto, assassinado pela vóz. Conseguiu, applicando seu talento, realizar, sómente, um bom film.

Ha scenas, em que o som ajuda. Como, por exemplo, aquella da perseguição de Daniel Haynes a William Fountaine. Fulminando nos estertores da sua morte sob as garras cheias de odio do preto gigantesco. E em outras, tambem. Como naquelle aspecto sombrio. Pavoroso, mesmo, daquelle quarto aonde Spunk está morto e os pretos, todos, se lastimam, aos berros, aos gemidos, invocando espiritos... E, naquelles, tambem, do baptismo, naquelle rio, com o seu cortejo de ataques hystericos. De furias nervosas. E, depois, naquelle episodio dantesco, quasi, do jubileu. Quando os pretos, afinal, no delirio daquella dansa sem rythmo. Daquelle uivos de paroxismos nervosos. Naquelles gritos arrancados das gargantas em furia. Perdem toda a noção de decencia e de tudo para se atirarem, todos, á bachanal da superstição viciada do espiritismo rasteiro.

São aspectos que ganham, com a voz e o som. Mas outros, como aquelle inicio. A seducção de Zeke, pelo jogo. A sua quéda, pela mulata Chick. São aspectos que King Vidor, sem a obrigação da voz, transformaria em cousas unicas, no Cinema. As canções, mesmo, augmentam a metragem e retardam a acção. Apesar da voz de Haynes ser soberba e da vóz de Nina Mc Kenney ser differente... Ha dansas de negros, como as daquelle café. Que têm um sabôr de cousa selvagem e terrivel... A seducção de Zeke, naquelle jubileu terrivel, ainda, debaixo da sensação daquella dansa. E, depois, com aquella mordida que Chick lhe dá, na mão. Ella já quasi fóra de si, exasperada pela loucura daquelle ambiente. E' uma scena de um realismo profundo e de uma belleza rarissima. E como estão bem encaixados aquelles planos do velho pae de Zeke e da sua noiva Missy Rose...

O estudo de King Vidor, neste film, attinge, todo elle, a superstição natural do negro americano. E os desvarios que elle commette, embebido, como fica, pelo espiritismo feitiçeiro e selvagem que os avassala e á muitos liquida... E, em certos aspectos, foi simplesmente formidavel e revelou-se o mesmo sublime King Vidor que todos conhecem. Alem disso, com a sua arte, fez com que todos se esquecessem de que Zeke, Chick, Hot Shot, Missy Rose e todos os outros eram pretos. Vestiu-os com a tragedia das situações e deu-lhes o sopro sublime dos seus conhecimentos indiscutiveis de arte. E fez um film realista. Um film pauperrimo. Rude. Sem nada para agradar o publico. Mas agradando-o. Seduzindo-o. Justamente pela belleza da sua direcção e pelo espantoso realismo de muitas das suas scenas. Assim é que se entende Cinema realista. Mostrando a vida. Dentro de seus aspectos bons, máos e detestaveis. Mas, sempre, dentro da linha e da distincção que fazem já parte da civilização anti-communista, isto é, da população do mundo todo... Os russos devem tomar lições de King Vidor. Isto é realismo. O film russo, porém, nada mais é do que um conjuncto de homens immundos e barbados. A representar com machina torta e a fazer caretas pavorosas que ninguem comprehende e, por isso mesmo, chama arte... *Alleluia* é um bom film. Tem phases magistraes, mesmo. Mas, se tivesse sido feito ha annos, embora perdesse a opportunidade de *mostrar* aos ouvidos aquellas melodias barbaras, seria, mesmo, um dos maiores films até hoje feitos.

Afinal, aquillo é a realidade. Aspectos dali, mesmo, verdadeiros e tirados do vivo. O que sem duvida nos conforta. Porque, embora na apparencia, um paiz de brutos e selvagens. Sempre um paiz que já destruiu grande parte dessa superstição boçal que em *Alleluia* se vê...

Não ha um só branco em scena.

Vale a pena ver. E' um film que ficará. Mas não o recommendamos ao publico em geral.

Cotação: — 9 pontos.

ODEON

EBRIOS DE AMOR — (Their Own Desire) — M. G. M.

Um film de Norma Shearer. Era *all talkie*. Foi exhibido em versão "muda". Apesar disso, é um film agradavel. Sob o ponto de vista de argumento. De representação e de photographia e direcção. Não é nada que assombre. Nem que deslumbre. Mas é um film agradavel. Talvez, nisto, esteja muito do encanto formidavel que a lindissima Norma Shearer esparze, pelo film todo. Talvez. Mas o facto é que um elenco photogenico como este. Do qual fazem parte Lewis Stone, Belle Bennett e Robert Montgomery, um rapaz bastante agradavel. Acceita-se o film, embora offereça situações forçadas, ás vezes. E mal exploradas, outras. Norma Shearer... Ella é todo o film. Apresenta-se provocante. Deliciosamente despida. Seductoramente vampiro dentro da ingenuidade toda daquelle seu sorriso mais bonito do que a cousa mais bonita deste mundo... Ligeiramente estrabica. Com aquelle penteado adoravel. Com aquelle sorriso. Com aquelles vestidos... Principalmente o da sequencia do baile, logo depois de ter ella sabido a identidade do rapaz que começava a amar... E na scena da piscina, pondo a roer unhas a todos que sabem ser Irving Thalberg seu esposo... Ella só justifica o film e o torna agradavel e interessante. De toda fórma, é um film de alta sociedade. Passandose em ambientes photogenicos. Justifica o sacrificio de despir o pyjama e vestir o terno azul para ir assistir...

E. Mason Hopper, cremos, poz-se a admirar Norma Shearer. Tanto e tanto. Que, afinal, esqueceu-se do resto do film e, por isso, não é elle o que poderia ter sido...

Viram a meia desfiada da Belle Bennett, num plano, quando ella está cahida, desmaiada. E, depois, no quadro seguinte, viram a mesma coberta pelo vestido?

Cotação: — 6 pontos.

CANTANDO NA CHUVA — (Blotto) — M. G. M.

Mais uma comedia falada em hespanhol, todinha, pela dupla Stan Laurel — Oliver Hardy. Como qualquer das outras, formidavel. E' muito mais longa e merece cotação, até. Tem situações irresistiveis. A do telephone, com Olive Hardy. A do telegramma, com Stan Laurel. E, depois, a supposição de embriaguez, com ambos, no cabaret. Aquelle bailado daquella mulher horrivel. A canção sentimental daquelle tenor pavoroso. E a decepção de ambos, quando sabem que se embebedaram com chá... Vale um espectaculo! Não é a melhor das comedias de ambos. Mas é uma das bem bôas. Reune, mesmo, situações irresistiveis. Vale a pena ser vista. E ouvida, sem duvida, por causa do hespanhol matado que ambos falam. Uma comedia que vale um *talkie* desses que merecem reclames de pagina inteira e apresentações barulhentas.

Cotação: — 6 pontos.

PATHÉ-PALACE

SAIAS A' PRÔA — (Dames Ahoy) — Universal.

Mais uma comedia de Glenn Tryon. Tambem dirigida por William James Craft. E tendo Otis Harlan e Eddie Gribbon como auxiliares... Helen Wright, como heroinazinha sem gracinha, coitadinha. E, apesar de tudo, alguns "gags" soffriveis. De resto, muita cousa batida. Usual. E perdendo, para as antigas comedias de Glenn. Pelo retardamento que teve a sua acção. Tratando-se, como se trata, de um film falado. Embora aqui exhibido em

REVISTA

sua versão "muda". Apesar de tudo, diverte. Não se deve esperar, delle, nada de assombroso. Mas pode-se aguardar algumas gargalhadas. Glenn, apesar de tudo, é agradavel de se assistir. Mormente quando tem, por companheiros, Otis Harlan e Eddie Gribbon.

Cotação: — 5 pontos.

O RAPAZ DO CIRCO — (The Circus Kid) — F. B. O.

Historias de circo. Corridas de cavallos. Assumptos de bastidores. Amor maternal. Sacrificios paternaes. São sempre as mesmas. Varie o rotulo da fabrica. Ou o nome do director. Esta, é uma historia de circo. James Ashmore Creelman a escreveu e George B. Seitz a dirigiu. Não é peor do que as outras. E nem melhor. E' a mesma cousa... Franklie Darro é o rapaz do circo. Helene Costello é a pequena do circo. E Joe E. Brown é o comico mais sem graça que até hoje já se viu... E' possivel que apreciem o film. Que foi synchronizado depois. Mas tambem é possivel que não o queiram resistir. Depende do estado de espirito e da quantidade de paciencia.

Cotação: — 5 pontos.

CAPITOLIO

COMO EU TE AMEI — (Dich hab'ich Geliet) — Aafa.

Disse-se maravilhas do primeiro film allemão. Falado, cantado, dansado e synchronizado. Tambem, da technica. No emtanto, apesar de assistido com a maior bôa vontade, não nos conseguiu envolver em nenhuma das maravilhas citadas... A não ser o detalhe da apresentação do Dr. Baumgart, pela assignatura, naquelle abaixo assignado ou cousa que o valha. O film nada mais apresenta de realmente notavel. A synchronização, é commum. As vozes, mal impressas, ouvem-se indistinctamente. A canção thema, de tão repetida, torna-se enfadonha e profundamente narcotica. Em parte, talvez, por ser aquelle tenor que a cante, o film todo... Mady Christians, alem de voz agradavel, tem, sempre, uma distincção elegante e representa bem. A menina, é o typo da menina allemã, mesmo... Na sequencia do cabaret Astoria, apparece um casal de negros americanos, dansando e cantando... O enredo, é de bastidores. Não convence. Tem, mesmo, situações falsas. Como aquella final, do apaziguamento. O systema vitaphone Tobis é defeituoso. Como curiosidade, para se ouvir allemão e assistir-se alguma cousa em outra lingua que não seja a americana. Vale. Mas, de resto, um film usual, mal synchronizado, mal cantado e mal falado. Vamos fazer Cinema brasileiro!

Cotação: — 5 pontos.

O PERFEITO CONQUISTADOR — (Pointed Heels) — Paramount.

E' mais um film que Helen Kane rouba. Com suas canções e com seus maneirismos infantis que são estupendos. De resto, é falso e pouco vivo. Num trecho, apenas, Edward Sutherland revelou algum agrado. E' naquella movimentação de machina que precede aquelle ensaio geral. Com avanços e recuos, de "camera". E com panoramicas e "shots" ousadissimos e muito cheios de significação. William Powell, fóra do seu elemento. Isto é. Deixando de ser Philo Vance, por um film ao menos, nada mais faz do que ser distincto e delicado... Um perfeito conquistador... Acho que ameaçaram Menjou com este film e foi por isto que elle deu logo o fóra para Paris... O sargento Heath, isto é, Eugene Pallette, apparece.

Fay Wray, apresenta-se linda, em alguns trechos. Apenas sympathica, em outros. Phillips Holmes é mais uma "joia" que nos dá o Cinema falado... Skeets Gallagher, interessante. Elle e Helen Kane é que dão agrado ao film. Particularmente naquelle bailado excentrico. Ha uma sequencia colorida, toda ella photographada em segundo plano... Aconselhamos as canções de Helen Kane e a sua comedia, com Skeets Gallagher. Mas não o romance de Fay Wray e Phillips Holmes. E nem, tampouco, os methodos falsos de seducção que William Powell emprega... A noite de nupcias de Phillips Holmes e Fay Wray. com a execução da sua symphonia, não agrada.

I have to have you e *Aint'cha*, são duas bôas canções. Canta-as, Helen Kane, no seu inconfundivel estylo.

Cotação: — 5 pontos.

ELDORADO

BANCANDO O LORD — (Puttin' on the Ritz) — United Artists.

Nem melhor e nem peor do que os outros films-revistas exhibidos. Feito para apresentar Harry Richman. Celebre por dois motivos. Por ser um dos mais populares cabaretiers dos Estados Unidos. E, ainda, por ser o homem que mais se falou como provavel candidato ás mãozinhas gordinhas da Clarinha Bowazinha... Graças á medicina falhou o plano...

Elle é sympathico. Mais sympathico do que Al Jolson, ao menos. E, se não canta melhor do que Al, ao menos não pinta a cara de preto e chama desesperadamente por todas as "Mammys" pretas do universo... A historia, é um pretexto para se ouvir canção sobre canção. E para se ver, ainda, Joan Bennett. E para se ouvir Alleen Pringle, que surprehende, pelo agrado da sua voz e pela sua eterna distincção.

E' dos taes films que qualquer um assiste. Mesmo que se cance e murmure contra o typo de film. Quasi standard, nesta epoca de "talkies" e mais "talkies". Assiste. Porque tem numeros de revista. Um numero colorido. Canções bôas, umas, soffriveis, outras. E a maquillagem errada de Harry Richman, apesar de toda a sua linha e de todo seu cabellinho cheio de... curvas perigosas.

Edward Sloman, deixando as suas seriedades, na Universal, cahiu, agora, francamente na revista. Um dos motivos do film agradar é Lilyan Tashman. E, afinal, nada fica a dever á todos esses outros que por ahi andam tambem cantando, falando, sapateando e... Bem. E' hora de encerrar a secção. Por hoje basta, não é?

Cotação: — 6 pontos.

A VIRGEM LOUCA — (La Vierge Folle) — O mesmo thema de Henri Bataille, na téla, de novo. Não ha scenario, como em todos os films europeus, aliás. Louis Morat dirigiu menos mal desta vez. Fresnay, representa como se estivesse num palco de theatro de arrabalde... Emmy Lynn, esposa de Henry Roussell, director francez, tambem prova que, como artista de Cinema, é uma excellente actriz de theatro. Suzy Vernon, é a unica que agrada e realmente representa. Jean Angelo e mais alguns, completam o elenco. O nome e a popularidade da obra de Bataille, foram, sem duvida, o maior attractivo para o publico.

Cotação: — 5 pontos.

⊞ Passou em "reprise" o film de Douglas, "A mascara de ferro".

RIALTO

LOOPING THE LOOP — (Die Totesschieffe) — Ufa.

Mais uma historia de circo. Mas de circo allemão, desta vez. "Variette", no emtanto, só existe um. Ainda que Warwick Ward tambem appareça como villão. E Werner Krauss pense ser um Jannings ao lado de Gina Manés, uma Lya De Putti... Mas, apesar de tudo, a historia interessa e não é, mesmo, das mais enfadonhas. As scenas de circo, apresentadas em rapidas fuzões, agradam. E ha, mesmo, trechos de alguma emoção. Arthur Robinson dirigiu bem, em alguns trechos. Usualmente, em outros. Mas é dos taes que podem assistir, que, afinal, sempre tem alguma cousa para agradar e fazer esquecer os defeitos.

Cotação: — 6 pontos.

FILHAS DO DESEJO — (Die Sieben Tochter Der Frau Gyurkowics).

Comedia allemã. Mais ou menos do nivel das comedias inglezas... Aquelles eternos typos. As graças pesadas. O argumento convencional e impossivel, em certos trechos. E a direcção mais do que commum de Ragnar Hylten Cawallius. Mas, francamente, alguem pode fazer fé num film dirigido por um cavalheiro que se chama Cawallius?... Betty Balfour é a engraçadinha. Willy Eritsch, galã, mais uma vez. Aliás, em certos trechos, mal maquillado. Ivan Hedquist, Truus Van Alten, Werner Fuetterer, Harry Halm e Elza Tenry, completam o elenco. E' uma comedia. Mas não garantimos que se riam, apesar de tudo.

Cotação: — 5 pontos.

⊞ "Metropolis" passou em reprise.

PATHÉ

A ETERNA MULHER — (The Eternal Woman) — Columbia.

Apesar de John Mc Carthy haver produzido bôas direcções. Não conseguiu, com este film, ir além do usual. Olive Borden, pobrezinha, sempre infeliz com as historias e com os tratamentos dos seus films. No emtanto, é tão linda. Tão seductora. Tão fascinante! Ralph Graves é o seu galã e John Miljean o villão. Nena Quartaro apparece. Ruth Clifford, a nossa tão velha e bôa amiguinha de outros tempos, tambem. Josef Swickard, Julia Swayne Gordon e Barbara Tennant, completam o elenco. A scena da carroça, é bôa. A do naufragio, nota-se, tem enxertos de outros films.

Cotação: — 5 pontos.

A MULHER QUE EU AMEI — (The Woman I Love) — F. B. O.

George Melford, depois da sua temporada na Paramount, nunca mais deu um film realmente notavel. Este, é forçado. Margaret Morris, amando Robert Frazer, nunca poderia se deixar assim levar pela seducção de Norman Kery. Leota Lorraine, é uma das creaturas menos adequadas ao Cinema que já tenho visto... Não ha de novo neste film. Tudo convencional e forcado. Inclusive a representação dos artistas. Mesmo de Norman Kerry. O marido Robert Frazer perdôa no fim, sim.

Cotação: — 5 pontos.

COMPAIXÃO — (Compassion) — Victor Adamson Prod. (Prog. Marc Ferrez).

Soffrivel. Film antigo. Argumento banal, cheio de situações forçadas e fartamente conhecidas. No elenco, encontram-se: Gaston Glass, desta vez muito exaggerado, Alma Bennett, Joseph Swickard e J. Frank Glendon. Harry Hilliard faz um villão.

Cotação: — 3 pontos.

Redempção

(Conclusão do numero passado)

Mas tudo não passou daquillo... Nem as mãos macias daquelle anjinho. Nem o seu sorriso. Nem sua carninha tenra que elle já nem beijava... Conseguiram prender, em casa, aquelle espirito livre. Bohemio e selvagem...

Elle precisava viver. As aventuras eram o seu fraco! Pelas suas veias, não corria sangue, não! Eram lavas! Passava dias sem apparecer em casa. Jogando. Cartas. Roleta. Depois... Bebia. Bebia perdidamente. Chegava em casa, carregado. Dormia horas e horas. Depois erguia-se. Rapido, accusado pela consciencia, nem procurava a esposa e nem o pequeno. Atirava-se de novo á orgia...

Quantas e quantas noites. Ao se erguer, carinhosa, para attender ao choro do pequeno. Não ouvia, ella, os passos tropegos, incertos; de Fedya; galgando, a custo, os degráos daquellas escadas?...

Depois... Foram as aventuras de amor. As loiras. As morenas. Todos aquelles detalhes. Ligas e cartões perfumados. Todos elles cahiram sob os olhos da agoniada e miseravel Lisa...

Um dia, revoltou-se.

— Fizeste-me a ultima! Vou romper comtigo!

Fedya nem a olhou. Vestia-se, calmamente.

— E' milagre que ainda não o tenhas feito. Lisa... Francamente, até hoje não comprehendo como é que deixaste um homem como Victor... Para te casares commigo...

Era a sua confissão sincera. Expontanea. Melhor do que ninguem elle proprio se conhecia...

— Fedya! Não me digas isso! São palavras que me pisam! Eu tanto...

— Tens razão. Piso-te com palavras... Piso á todos que me rodeiam. Peço-te, Lisa. Procura Victor. Tua mãe. Sou um desgraçado, um máo... Deixa-me!

— Não, Fedya. E's bom! Mas não serás capaz de mudar? Não serás capaz de uma transformação? Por mim? Pelo teu filho?

Houve uma quéda. Era Fedya que se ajoelhava, aos seus pés. Beijava-lhe a fimbria do vestido. Ficava. Passava uma noite acariciando-a. A lembrar aquelles tempos dos passeios pela lagôa, ao luar, ouvindo, longe, o écho da musica querida...

E a vida continuava. Promessas. Novas quédas. Novos juramentos. Alguns idyllios. Pingos de felicidade. Para os alluviões de desgraça... Lisa pegava as suas dividas de jogo. Ainda tinha alguma cousa e fazia empenho em sustentar as palavras e os compromissos de seu marido. Ainda o amava, apesar de tudo. Lembrava-se daquelle rapaz moreno. Bem moreno. De olhos negros... Que conhecêra. E que amára desde o instante em que o vira pela primeira vez... E elle, afinal, quando promettia... Tencionava cumprir. Mas era a attracção. Era o vicio. Era a garra da miseria que o tinha todo preso a si...

O fim... Ah, o fim... Foi bem triste! Terminou o ultimo rublo. Lisa era, agora, mais pobre do que elle... Penhoraram-lhe as joias. Os moveis. A propria casa... O seu quadro predilecto... Aquelle quadro que representava o amor... Que tantas e tantas vezes fôra por ambos mirado. Em extase. Sob a pressão da paixão que os dominava... Pobre Fedya! Que desgraçado que elle era!...

— Lisa. Agora que somos pobres... Desgraçados... Eu mudarei! Vaes ver! Hei de trabalhar! Hei de te fazer feliz, na pobreza, como nunca o consegui, na opulencia...

Viveram rapidos dias de felicidade. Depois, Fedya sentiu, de novo, a attracção do vicio. Queria a liberdade! Quando sahia, rapidamente, para ápenas pôr um vaso ao relento... Já sentia que aquelle ar de fóra lhe fazia tanto bem... E começou a comprehender. Calmamente. Pensadamente. Que a sua unica solução era deixar Lisa. Deixal-a e mais o pequeno. Para não continuar desgraçando-a...

E, no dia seguinte. Depois de uma noite cheia de carinhos e amor. — Chegou-se á sua esposa.

— Lisa... Entre nós nada mais póde haver de commum!

Ella não acreditou nas suas palavras.

— Quero ser livre! Quero viver! Aqui, suffoco. E, depois, para que continuar fingindo que te amo?...

Ella não supportou. Curvou-se ao peso da offensa áquelle seu grande amor. Profundo amor. Que assim tombava ferido, humilhado...

Já naquella noite. A ultima, Fedya não dormiu em casa. Quando regressou. Esteve longos minutos parado á porta do quarto de Lisa. Depois entrou. Como se roubasse, apoderou-se de um sapatinho do filho. Levou-o com elle... E, sozinho, desgraçado, deixou-se cahir, ao lado da parede, chorando, convulsamente, profundamente desgraçado...

Victor acceitou a protecção que lhe pediam Elisa e o pequeno. Ainda a amava. E ella, assim desgraçada. Profundamente infeliz. Era um écho atroz da sua felicdade que fôra tão vilmente destroçada pela paixão que aquelle homem despertára em sua noiva...

A primeira cousa que Lisa lhe pediu, tempos depois, foi que procurasse Fedya e lhe pedisse que voltasse... Pobre Victor! Além de tudo isso...

— Mas Lisa...

— Peço-te! Sinto que fiz mal, abandonando-o. Mas eu o fiz por elle! Pelo pequeno! Acabaria morrendo de fome...

A procura foi longa. Exhaustiva. Cheia de imprevistos. Mas, afinal, num acampamento de ciganos. Lá se achava elle. Barbado. Selvagem. Entorpecido, ao fundo de uma carruagem, vendo a dansa barbara de Masha, uma cigana de corpo perfeito e alma de fogo...

Depois, antes que Victor o alcançasse, já Masha se approximava, com as ultimas notas e, num impeto, atirava-se aos seus braços. E, doida de paixão, beijava-o, com impeto e loucura...

— Amo-te!

— Mas sou casado... E tu pertences á esta tribu! Virás commigo?

— A tribu é uma coisa. Meu coração é outra... Amo. E costumo possuir o que amo... E tu?

Victor approximou-se.

— Vaes accompanhar-me!

Fedya despediu Masha. Antes, porém, beijou-a, profundamente.

— Estás bebado! Não sabes o que estás fazendo!

Fedya olhou-o.

— Tens razão. Estou bebado. Mas ainda tenho plena convicção de que amas minha mulher!

— Tens razão. Eu a amo, sim! E é justamente por isto que aqui estou. A felicidade de Lisa vale mais do que minha propria vida!

Ahi Fedya não resistiu mais. Agarrou-se á Victor.

— Victor! Comprehenda! E's mil vezes melhor do que eu! Eu nada mais tenho feito do que desgraçal-a! Foi por isso que a deixei. Uma das razões foi esta. A outra... Tu! Sei que a amaste, desde a infancia. Ainda a amas, acabas de confessar. E ella, afinal, tambem te ama... Por mim, começou tendo paixão. Mas, depois, teve piedade... O amor inconsciente, porém, é o mais forte de todos... Ella é livre. Se quizer, assignarei qualquer petição de divorcio. Isto não te satisfaz?

— Não. Deves voltar!

— Não, Victor. Tu é que deves voltar! Darás felicidade. Bem estar e tudo mais que ella precise. Eu... Que lhe darei eu? Magoas e desgraças...

— Fedya! Não comprehendes, afinal, que ella é outra especie de mulher? Que áquelle á quem deu o coração, continuará amando pela vida toda? Ainda que tenhas sido, como foste, o ultimo dos miseraveis?...

— O que comprehendo, Victor, é que foste feito para ella. E ella, pobrezinha, para os teus carinhos. Vae! Deixa-me! Porque diabo queres estragar mais ainda as nossas vidas?... Se isto faço, é porque a amo, apenas. O divorcio é simples. Eu o quero. A minha natureza é viciada. Se fôr preciso, dou escandalo publico para argumentar o divorcio! Tudo que fôr preciso para a felicidade de Lisa, eu farei!

Victor ainda tentou convencer aquelle homem que lhe roubára a felicidade. Mas elle se manteve inflexivel...

Lisa quiz tentar. Nem que fosse a ultima tentativa. Procurou Fedya. Na sua pobre casa. No seu pobre quarto... Vozes agitadas ouviam-se, do interior.

Lisa entrou.

— Canalha! Arruinaste nossa filha!

Eram os paes de Masha.

— Desgraçaste-a! E agora?

— Não nego que a ame. Mas... Que fazer?

— Bandido!

Exclamou o pae de Masha.

— Se ainda a tivesse amado, quando tinhas dinheiro... Darias 10 mil rublos e... poderias leval-a... Mas, agora...

Masha interrompeu.

— Elle de nada tem culpa. Eu é que o procurei. Que me atirei aos seus braços. Que o beijei. Que o amei. Podem me levar. Podem me espancar. Podem me matar. Continuarei amando este homem, ainda que tenha de morrer!

Lisa, aterrada, diante daquella ultima scena de derrota moral, avançou, lentamente. Depois, abrindo sua bolsa, atirou, sobre a mesa, algumas moedas de ouro que trazia comsigo.

— E' o que tenho...

Todos a olharam. Os paes de Masha agarraram o dinheiro. Masha a olhou. Comprehendeu, logo, que era a mulher que Fedya amava e pela qual se embebedava e morria, lentamente...

— Mas Lisa... Era mesmo necessario que viesse até aqui? Victor já não te havia dito tudo?

— Elle me disse, sim. Mas eu quiz tentar. O ultimo esforço. Pela minha consciencia, ao menos... Mas... Fedya! Porque deixaste tua alma cahir tanto na lama?...

— Lisa!!!

Agarrou-lhe os pulsos. Depois deixou-a. Lentamente, concluiu a phrase.

— Bebida. E bebi, sempre. Sempre. Cada vez mais... Porque parecia que me fazia esquecer a miseria que é minha vida... Depois... A musica! Não a de Beethoven, soturna e grave. A musica cigana... Selvagem. Bruta! Quero me divorciar. Porque quero viver. Ou fingir que vivo, ao menos!!!

Depois de longa pausa, elle terminou.

— Vae! Casa-te com Victor. Elle bem que o merece. Amou-te pela vida toda! A maior baixeza que já fiz, Lisa, foi ter-te roubado daquelle homem de bem!

Ella o olhou. Havia razão naquella phrase. Mas ella tambem a tinha, em outras...

— Tens razão. Mas... Fedya! Pensas que poderia esquecer tudo que ficou atraz e, assim, tão facilmente, casar-me com Victor? Não achas que isto tambem seria baixesa?...

Fedya torturava-se. Brutalmente.

Voltou-se, num lance.

— E o pequeno?

— Perdeu-te! Elle te ama!

Fedya agarrou-se á borda da mesa.

— Mas... Lisa! Achas que não o amo, tambem? Mas é bem por elle que tambem faço isto... Ajude-o a se esquecer de mim! E seu dever!

— Isso nunca! Podes ser o ultimo dos homens. Mas, emquanto viver, emquanto tiver um sopro de vida, continuarei sendo, para elle, tua esposa! Não me divorciarei e nem me casarei! E elle ouvirá, sobre ti, uma historia bonita que meu coração saberá inventar e contar como se fosse a verdade...

— Lisa... Não me maltrates assim! Vae! Deixa-me! Faze-me livre!

— Livre!!! E pensas que eu não o queria ser?... Mas naturalmente, não assim!!! Já sacrifiquei o melhor da minha mocidade por ti. Agora...

Um soluço não permittiu que ella continuasse. Voltou-se para a porta e sahiu.

Fedya ali ficou. Os paes de Masha sahiram. Ella se approximou delle. Expressão absorta. Olhos arregalados. Elle repetia sua phrase...

— Não me divorciarei e nem me casarei! Emquanto me sorrir um pouco de vida!...

Ao mesmo tempo, Lisa e o pequeno recebiam uma carta e as autoridades tinham noticia de que foram encontradas, ás margens do rio, as roupas de Fedya e que elle não sabia nadar...

A carta, dizia apenas isto.

— A unica solução que encontro, é esta. Deves casar com Victor. Elle te fará feliz. Sou um obstaculo. Esse obstaculo, portanto, precisa ser removido. Peço-te apenas que sejas feliz! Que me esqueças e que não contes a historia bonita inventada pelo teu coração ao meu infeliz filhinho... Quando leres estas

linhas, já não existirei, mais... Que Deus te abençôe e que sejam felizes! Beija nosso filho. Adeus.

Annos depois, emquanto bebiam, dois homens conversavam.

— E Masha entrou. Agarrou-me. Não deixou que me matasse. Depois disso, tenho vivido por aqui. Miseravelmente. Sem dinheiro e desgraçado...

O outro perguntou.

— Mas quem é o teu amigo?

— Victor Karenin.

Havia alguem que os ouvia. Ergueu-se. Chegou-se á elle.

— O marido de Lisa Pawlovna?

— Sim!

— E ella é tua esposa?

— E'!

Era Fedya. Barbado. Quasi bebado. Ali atirado, ao fundo da mais réles das tavernas...

— E ainda te queixas? Porque? Porque não os ameaças com a tua existencia? Terás dinheiro...E...

— E o que?

— Se não o queres fazer... Farei eu!

— Canalha!

— Ergueram-se. A mão de Fedya já o tinha preso pelo casaco.

— Canalha ou não, denuncio-te!

— Mas eu nada te disse!

— Disseste, sim! E ali está a testemunha...

Lisa e Victor achavam-se diante do jury. Surpresos. Sem saber o que se passava.

— Pediram-me dinheiro! Não o dei. Naturalmente tratava-se de uma baixa chantage...

— Não! A senhora é accusada de bigamia!

— Bigamia!

— Sim! Seu marido ainda vive e a senhora já se casou com este homem...

— Mas...

— Reconheceu o cadaver que suppunham ser de Fedya Protazov, quando o retiraram do rio?

— Não! Não tive coragem!

— E como se atreveu a casar com outro, assim? Victor interrompeu.

— Elle já a tinha abandonado ha muito e mesmo pedira que o deixassemos viver. Depois, mandou-lhe uma carta, despedindo-se e foi dado como morto.

— Mas devia certificar-se, antes! E' crime, a bigamia!

— Mas é impossivel. Fedya Protazov não existe mais!

Mandaram entrar Fedya.

Lisa, quando o viu, sentiu que uma nuvem toldava-lhe a vista. Victor, empallideceu, terrivelmente.

— E' Fedya Protazov?

— Talvez...

— Responda!

— Fui.

— Mas está aqui... Vivo e bem vivo!

— E' exacto! Infelizmente! Nem coragem para me matar eu tive... Sabe? Não se envolva nisso!!! O senhor é juiz! Dicta leis! Prega-as. Mas não conhece a vida! A vida!!! Eu me approveitei desta pobre creatura. Roubei-a desse homem de bem que ahi vê. Depois, perverti-me! Rebaixei-me! Fiz-me o ultimo dos homens! O ultimo!!! E, agora, quando nada mais ha, accusam-nos de bigamos? Qual! Lei de canalhas!

— Calle!

— Não me callo! Fallarei! Mandar-me-á para a Siberia? Mande-me para o Inferno, se quizer!!! E, depois que direito têm de injuriar a felicidade destes dois entes? Porque? Por causa de uma vil intriga? Eu a libertei. Se não me matei, foi porque até para isso fui covarde. Mas...

Os que ouviam aquellas palavras. Atiradas em jactos. Com brutalidade. Agitavam-se. O juiz nada dizia. Ninguem fallava, ali.

— Então dá-se por feliz não os separando?

— Já lhes suppliquei que tratem do divorcio. Depois, desappareci. O alcool me fez fallar perto de um canalha. Mais canalha do que eu. Elle logo pensou no dinheiro que poderia ganhar... E... Denunciou-os! O vil!!!

— Bem... Tratem desse divorcio. Podem ir! E você... Vá! Afinal...

Retiraram-se. Quando sahiam, Lisa e Victor. Ella ainda derrotada pela emoção. Ouviu-se um estampido. Todos correram. Lisa ainda teve tempo de lhe tomar a cabeça entre as mãos.

— Fedya!

— Lisa... Victor... Faço o que devia já ter feito! Adeus, sim? Vocês me perdoam?

Elles não fallavam. Aquella nobreza os commovia. Os seus olhos encheram-se dagua.

— Fedya!

— Olha! O primeiro tiro falhou. Mas este... Já me leva para longe... Masha! Pobrezinha... Eu tambem te quiz bem!...

Não disse mais nada.

Apenas apertou as mãos de Lisa e Victor. E, depois, cerrou brandamente os olhos...

A vida continuou.

A vida sempre continúa.

Sempre...

(*Especial para CINEARTE*)

COQUETTE

(*Conclusão do numero passado*)

Quando entravam para a cabana. Foram vistos e não viram. Dois caçadores que por ali passavam e os surprehenderam. E, assim, horas depois, quando já tudo haviam contado, um ao outro, sentiram passos. Era Stanley. Rapido, sem delongas, explicou-lhes, elle, que os caçadores haviam contado tudo, com grande escandalo. E que o dr. John estava enfurecido.

— Norma... Nada temos a nos accusar as consciencias. Mas eu procurarei teu pae e farei com que elle consinta no nosso immediato casamento. Sabes, perante Deus, que nada fizemos que nos macule a consciencia. Mas eu quero redimir teu nome, perante o publico!

E antes que tivessem tempo de o impedir, já sahia, violento, pela porta afóra e deixava Norma aos cuidados delicados de Stanley Wentworth.

— Quero casar com sua filha. Immediatamente! Para impedir que mais se falle sobre este delicado assumpto!

chael Jeffery.

Eram dois orgulhos que se defrontam. O pae. Velho e inquebrantavel. O moço. Que amava a filha daquelle velho. Que tambem não se curvava. Mas queria reparar a falta que a viciada opinião de alheios maculára com tamanha maldade...

— Não a terá! E, canalha, não a procure mais ver!

O moço rugia, intimamente e queria agarral-o. Mas não tinha coragem. Era o pae de Norma. Não podia fazel-o!

— Senhor... Reflicta! Fallam della commigo. Eu quero me casar com ella! Amo-a! Sou decente e trabalhador. Poderei fazel-a immensamente feliz porque ella me ama, tambem!

— Repito. Não a terá!! Nem que eu morra!!! E saia! E' demais e não sei bem porque é que não o mato...

Michael sahiu. Era demais, mesmo. Não podia supportar nem mais uma palavra. Desencontrou-se de Norma. Desvairado. Partiu para os montes. Planejava muita cousa. Para, antes de fazel-as, queria reflectir, serenamente, para depois agir.

Seguindo-o, a pequena distancia, o dr. John. Ameaçador. Sem fallar. Apenas queria liquidar aquelle caso. E havia de liquidal-o...

Dentro da cabana, passeava sem cessar. Não comprehendia a obstinação daquelle velho. Era demais, mesmo. Porque? Porque? E porque? Era a eterna pergunta que lhe dansava no cerebro.

Não atinou com a causa. Esta ou aquella, haveria uma, era o certo.

Nisto, abriu-se a porta. Era o pae de Norma. Michael apenas teve tempo para ouvir a phrase que elle lhe atirou.

— Canalha! Maculaste minha filha! Aqui tens a paga!

O tiro foi certeiro. Bem no coração. Michael tombou varado e morto.

A primeira pessôa que ali entrou, seguida de Stanley, desvairada, completamente, foi Norma; a coquette...

Louca de dôr, atirou-se sobre o cadaver de Mi-

— Meu Michael!! Minha vida !! E eu que tanto te amava e que sempre te amei!!!

O velho a olhava, olhar parado. Depois ella se voltou e fitou-o.

— Meu pae! Porque matou o unico homem que jamais amei? Porque arrancou assim, impiedosamente, a minha unica razão de viver? Eu não mereço a felicidade? Não a mereço? Elle procedeu mal? Querendo casar commigo? Foi essa a sua culpa? Quando outra elle não tinha... Pois sempre me soube respeitar e amar com veneração...

E tornou a cahir sobre o corpo do seu amado. O dr. John não fallava. Apenas olhava. E o seu olhar, agora começava a comprehender a estupidez inutil e medonha daquelle crime...

Até ao dia do julgamento, Norma não sábia o que fazer. Se fállasse a verdade... Perderia o pae. Se mentisse...

Havia a duvida.

Seu pae... Matára seu amor! Era digno do seu sacrificio? Era digno da sua estima? Mas porque fôra assim insensivel e assim cruel? Porque? Com que intenção? Com que lucro?...

E proseguiu os dias. Até que chegou o dia do julgamento.

Tudo correu.

Tudo.

Accusação feita. Provas apresentadas. Era visivel que o fim de seu pobre pae era a cadeira electrica. Pagamento de sua injustiça tremenda...

— Agora, a senhorita Norma, filha do accusado!

Era a voz do promotor.

Norma, quando se ergueu, já tinha sua explicação forjada.

Sentou-se. Com a usual violencia, interpellou-a. Norma, esquecendo-se dos momentos de amor que passára ao lado de Michael, o seu amado. Esquecendo-se da pureza do amor que os envolvêra. Tudo em sacrificio de seu pae, ameaçado de morte... Decidiu-se. Ergueu-se. Exclamou. Rapida, com violencia.

— Eu o amava muito. Entreguei-me á elle. Elle me fez delle, porque tambem me amava. E meu

Pae... Matado-o. Matou, nelle, o meu seductor. Não sabia que elle se queria casar commigo. Julgou que elle apenas me quiizesse desviar do caminho do bem...

Foi um tremendo escandalo. Todos a apontarar.., como vil e indigna. Todos! Menos seu pae e Stanley. Porque ambos comprehendiam toda a nobreza da sua attitude e toda a delicadeza dos seus sentimentos...

Terminada a sessão. Absolvido o condemnado. Todos se retiraram. Apenas ouvia-se, ali, a voz do pobre homem.

— Minha filha! Perdôa-me! Agora comprehendo a belleza do teu sacrificio! Só agora! Desgraçado de mim...

Quanta gente, na vida, não comprehende que perdeu a felicidade, porque que quiz, sómente pel capricho de um orgulho sem fim...

(*Especial e exclusivo para CINEARTE*)

Manolesco

(F I M)

conquistar aquelle sorriso fechado. E quando já ninguem pensava em ver o trem parado e um homem daquelle tamanho saltar pela janellinha e fugir.

Continúa o trem a sua jornada. Ella, timida tira o rosto medroso debaixo das cobertas.

— Foram?

Elle responde com a cabeça.

— Agora eu vou...

E tentou saltar.

— Para aonde?

— Para o meu logar...

Elle foi rapido. Serrou as cortinas.

— Não. Aquelles não são os unicos detectives da terra...

(*Termina no fim do numero*)

Cinema Brasileiro

(FIM)

Julio Danillo, aliás. Legitimo e excellente Brasileiro. Está sendo consideradissimo para importante papel em **A Dansa das Chammas.** Dentro de uma opportunidade que o tornará mais e mais conhecido e admirado em todo o Brasil.

* * *

Isaac Saidenberg, já se prepara, em São Paulo, para iniciar o seu segundo film, para a **Metropole.** Já está escolhendo typos. E, pelos jornaes, já está effectuando a chamada de elementos. Trata-se um assumpto profundamente Brasileiro. De epocha. Que será tratado com grande carinho. Já teve occasião de tirar provas de algumas artistas. Entre as quaes Crizetta Moreno. Ronaldo de Alencar, provavelmente, será o artista masculino principal do film. Aliás num papel que lhe cabe ás maravilhas. Tendo visitado grande parte do Brasil. Explorando seu film. Isaac Saidemberg colheu, de locaes que occupou, nas suas actividades, dados imprescindiveis para a confecção do seu segundo trabalho. Que, segundo elle proprio nos affirmou, será tratado com a maior technica e com a mesma largueza de recursos com foi tratado **A Escrava Isaura,** seu primeiro trabalho. E' de se esperar, portanto, um trabalho que seja, para o Cinema Brasileiro, mais um motivo justo de orgulho.

* * *

Todos quantos assistiram essa mesma se achou em negocios, o principal artista masculino a productor do film **O Mysterio do Dominó Preto,** da Epica Film, Laes Mac Reni. Serão concluidos, por todo este mez, os pequeninos trabalhos de filmagem que ainda sobram. Falta-lhes, apenas, um typo de ingenua para um papel de noiva que o argumento requer. Este film, como se sabe, está sendo dirigido com o maximo carinho e o maior criterio por Cleo de Verberena, a primeira directora Brasileira de films. E' de esperar, portanto, que até meio de Agosto seja o mesmo lançado num dos bons Cinemas do Brasil. Para, depois, correr o Paiz todo e affirmar, mais uma vez, o bom nome que já disfructa o mesmo de Norte a Sul.

* * *

Exhibiram-se, ao **unit** da **Cinédia,** alguns **rushes** de **Labios sem Beijos,** já em positivo. Como se sabe, o film teve, ha dias, a sua ultima filmagem e, agora, apenas restam os trabalhos de corte de negativo e copia do mesmo para sua definitiva entrega ao publico.

Todos quantos assistiram esse mesma exhibição, foram unanimes em achar que o film approxima-se bastante da vereda de perfeição que está sendo procurada. Humberto Mauro, seu director, foi muito felicitado e vae, mesmo, com este film, apresentar um tratamento que, nos seus demais trabalhos, não tinha ainda mostrado. Vamos aprecial-o, portanto, em outra faceta do seu talento, até então desconhecido do publico.

* * *

Dia 18 de Agosto, segundo parece, deverá ter sua estréa, na sala Azul do Cinema Odeon, em São Paulo, o film **Ás armas!,** da Cruzeiro do Sul. E' de esperar, portanto, que o publico de São Paulo coroe de exhito mais este trabalho Brasileiro.

Consta que Caetano Matanó, operador do film **Rosas de Nossa Senhora,** da Astro Film, pretende ir á Europa, para estudar a technica do film falado. Para, no seu regresso, confeccionar um film falado, cantado e dansado, para a mesma fabrica.

Cinema de Amadores

(FIM)

Por ultimo: falámos ainda com o Sr. Goudin sobre as ultimas referencias, feitas pelo amador de Recife, ao serviço da Pathé entre o Rio e o Norte. Os films são enviados para o Rio, aqui revelados, e logo em seguida re-enviados para o Norte. Si acaso alguma demora occorre, esta só pode provir do Correio, porque os films que se recebem aqui, vindos do Norte, são preferidos aos que sahiram daqui mesmo, o que aliás se dá com todos os films vindos do interior. Quanto aos films velados, são quasi sempre resultado de falhas do operador, falhas ás vezes nem ao menos notadas. Não ter registrado bem a camara é motivo para que o film saia velado.

O Sr. Planella escreve a proposito de filmagem de amadores: "Tenho notado que muitos amadores têm começado films de enredo, porém, até agora não tenho visto o resultado no **Cinearte**".

Respondo-lhe: como poderemos dar qualquer coisa sobre o resultado dessas filmagens, no **Cinearte,** si um ou outro desses amadores é que se digna enviarnos umas photographias, assim esporadicamente?

E o Sr. mesmo não demonstra ser um desses? Não vivemos collocando as columnas da nossa secção á disposição dos amadores? D'ahi...

Barry Norton

(FIM)

na peça **Journey's** End. No emtanto, sendo um syndicato inglez a financiar a producção desse film, o elenco, todo, seria inglez. E, assim, apesar de ser, indiscutivelmente, melhor artista do que David Manners elle sendo, perdeu o papel.

Ao cabo de mais alguns mezes, já contava com a falta absoluta de dinheiro. Porque o que tinha já se ia indo... Cada vez mais. E, assim, já contava com negros dias, ali, a vagar de Studio a Studio Esperando trabalho...

Quando, finalmente, obteve o seu grande contracto com a Paramount. Para figurar, para começar, na versão hespanhola de **The Benson Murder Case**...

Admiramo-nos, sem duvida, de como conseguira elle esse contracto.

— Apenas com isto. Reformando minha vida! Fazendo, della, uma nova vida. De estudos e de vontade absoluta e ferrea de vencer. Estudarei diversos papeis em americano. Em hespanhol e em francez. E, assim, sempre confiei no proximo successo. Eu nunca esperei que me viessem procurar. Dia a dia, procurei trabalho, sem cessar. Não descancei. Agora, sim. Posso descançar e, calmamente estudar os meus papeis.

— E amigos?

— Não os tenho mais.

— Como assim?

— E' isso mesmo! Quando viram que se emmagrecia a minha bolsa, deixaram-me... Agora, porém, quando voltarem. E quando quizerem que os acompanhe, pelas diversões... Que tenham paciencia! Não mais os receberei!

* * *

Depois de uma pausa, elle continuou.

— De facto, vi muitas improbabilidades contra mim. A principio, desanimei. Vi, mesmo, que seria negro o meu futuro. Mas, afinal, depois de algum tempo, animei-me e considerei que não podia fracassar. Porque, afinal, falava melhor inglez do que Chevalier. E melhor francez do que muita gente que aqui ouço falando... Hespanhol, além disso, era minha lingua. Assim, como poderia eu fracassar?

Uma das grandes qualidades de Barry Norton, é, sem duvida, nunca ter elle falado mal dos seus companheiros. E nem, tampouco, do trabalho de collegas seus. Sempre os acha bons. E sempre aprecia o mais insignificante esforço artistico de um collega. Talvez por, isso, mesmo, seja elle um vencedor. Porque, afinal, não sendo victima da inveja. Conseguirá elle, por certo, muito mais sympathia do que os que sempre vivem, em torno dos outros, maiores, forjando intrigas e fazendo o maximo dos esforços para a dissolução de laços de amisade e para destruição de capacidades artisticas.

Fan ardentissimo de Cinema, elle continua pagando os seus 50 cents para assistir aos films que quer ver, Ruth Chatterton, é sua artista favorita. Elle a acha formidavel, unica. Uma das suas maiores sensações, foi quando a tomou nos braços, depois de um dos seus successos. E, esquecendo-se de tudo. Inclusive do marido, Ralph Forbes. Beijou-a, em signal de admiração profunda pelo seu primoroso trabalho em **Sarah and Son.**

John Gilbert é o seu artista predilecto. Elle o admira profundamente. Tem innumeras photographias suas. E, agora que todos pensam no fracasso de Gilbert, elle, mais do que ninguem, continúa com fé inabalavel no genio daquelle artista e diz, sempre, ter a certeza de que elle se sahirá airosamente deste seu difficil papel...

William Haines, depois de Gilbert, é o seu artista predilecto. Acha-o um typo unico, no Cinema. Pelas suas artes. Pelas suas troças. Pelas suas brincadeiras. Sempre um typo differente e um artista novo.

Foi, afinal, tudo quanto conversamos com Barry Norton.

Aqui, portanto, está um pouco da sua prosa. Algumas das suas opiniões. E, ainda, alguns trechos interessantes da vida deste rapaz de força de vontade e coragem que tanto tem lutado pela vida e que tanto tem conseguido vencer.

O momento mais romantico da minha vida...

(FIM)

Confesso. Com a mesma facilidade com que a tinha estimado, profundamente... Quando, no trem, verifiquei que não a tinha mais por companheira, pensei, seriamente, que aquillo tudo, afinal, não fôra além de um sonho. Um grande sonho. E, de novo, mergulhei nos meus sonhos com Paris e com meus estudos musicaes.

— Os meus primos dias em Paris, desapontaram-me, confesso. Eu me sentia saudoso da minha America. Eu sonhava com Paris dos novelistas. E não contava, com a Paris verdadeira... Eu queria ver a cidade. Não consegui, nos primeiros dias. Mas, depois, passei a me levantar bem cedo e, assim, sahindo cedo, fazia logo os meus passeios. Afim de conhecer o mais insignificante recanto.

(Termina no proximo numero)

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual o semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21 Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1.037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

JEAN...

(FIM)

Jack Mulhall. Foi depois disso que foi contractada pela Paramount. E, do qual contracto, não saiu, tambem, rapidamente, unicamente porque soube ter um momento de genio. Um outro de coragem. Um outro de malcreação e um outro de intelligencia...

Jean Arthur, tem, ao primeiro golpe de vista, o mesmo typo de historia que circula Mary Brian, Lois Wilson e outros. No emtanto, tal não se dá. A sua historia é um pouco differente. Porque afinal, não foi trabalho que lhe faltou. E' que sempre criava os mesmos typos de pequena, nos films e, assim, ninguem a queria siquer imaginar em outros papeis.

No emtanto, depois do seu celebre estrillo, com Mr. Schulberg. Do qual resultou a verdadeira apreciação da sua arte de representar, ella tem tido bons papeis. E, se elles melhorarem. Em pouco estará ella no seu competente logar.

Estrella!

Não acham que ella merece?

MANOLESCO

(FIM)

Ella quiz insistir. Manolesco. Rapido em conquista. Como rapido em cartadas. Decidiu o jogo.

Agarrou-a. Antes que ella refizesse o espanto, tinha os labios delle collados aos seus.

— Amo-a! Não sei quem é. Não me interessa. Interessa-me, sim, você! Seu sorriso. Sua bocca. Seus olhos. Toda você. Todinha...

Beijou-a.

Ella não correspondeu. Ao beijo numero 50... Sentiu que aquelle homem era qualquer cousa e differente... E correspondeu ao beijo...

Elle nada quiz saber. Ella, nada falou. A principio, quiz fugir. Mas a impetuosidade de Manolesco. Aquelle amor de fogo. Que nunca em sua vida ella sentira. Arrasava-a. Quiz repellil-o. Não o quiz em sua companhia. Em Monte Carlo. Mas era inutil. Elle não a deixava. Ella, não o queria expulsar.

Acabou se afeiçoando.

Acabou amando profundamente aquelle homem. Amando aquelle homem. Com a mesma furia com a qual elle a amava... Amando-o, como nunca até então sonhára amar alguem...

* * *

Tudo corria assim. Sonhos e sonhos. Jogos. Ventura. Sorte. Amor. Mais amor. Amor e sempre amor. Cercado de espheras e rodar. De cartas a cahir sobre a mesa. De tudo isso! Em reviravoltas e mais reviravoltas.

Depois...

Um dia...

O homem feio e gordo e alto. — Jacques!!!

Foi só o que ella conseguiu gritar, quando o viu.

(Termina no proximo numero)

Para a filmagem de **Olympia**, que nada mais é do que **His Glorious Night**, que foi o primeiro grande fracasso de John Gilbert, em allemão e em francez, sob a direcção de Jacques Feyder, a M. G. M. importou dois elencos das respectivas raças.

* * *

Raymond Mc Kee, que em tantos films figurou, em tantas comedias e junto de Viola Dana, em alguns films, é, agora, compositor. Uma de suas mais recentes canções e das bôas por signal, **Caribean Sea,** Rudy Vallée acaba de lançar com grande successo, pela estação W. E. A. F. de New York.

CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..."

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul — O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencantal-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quér sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª.—Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

P R E M I O S

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamem, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

Offᵉˢ Graphᵃˢ d' O MALHO